

FFCLUSP

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

BOLETIM No - 263

CADEIRA No - 14

SÃO PAULO (BRASIL)

1962

MASSAUD MOISÉS

A “Patologia Social” de Abel Botelho

A
" PATOLOGIA SOCIAL "
de
ABEL BOTELHO



COMPOSTO E IMPRESSO NA SECÇÃO GRÁFICA DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
1961

A

Antônio Augusto Soares Amóra

P R E F Á C I O

Abel Botelho, cuja carreira literária alcança definição e ápice entre os anos de 1890 e 1910, chama-nos desde há muito a atenção. Escritor quase inteiramente esquecido, depois da morte (salvo algumas poucas edições de seus romances e contos), e, em seu tempo, marginal, não provocou até hoje qualquer estudo mais detido. Como justificar o desinteresse dos críticos e a marginalidade de Abel Botelho?

Não é possível, na altura em que está a crítica a respeito do romancista, tentar qualquer resposta à interrogação, porquanto se faz necessário, antes de tudo, o exame de sua obra. Para tanto, alguns caminhos se abrem à nossa frente, dentre os quais: o estudo das relações de Abel Botelho com a geração de 70 e a de 90; as relações de Abel Botelho com o Naturalismo e o Simbolismo; a análise dos aspectos técnicos e estilísticos de sua obra; estudar essa obra como “literatura compromissada”, “dirigida”, a compreender como Abel Botelho, assumindo compromissos com certa atmosfera moral, “viu” a sociedade de seu tempo.

Optou-se pela última direção. E, da obra tódá (poesia, conto, teatro, romance), escolheu-se o romance, porque serve ao objetivo que se tem em mira.

Escolhido o romance, ficou a dúvida: estudo de conjunto ou parcial?, pois deixou oito romances, sendo cinco pertencentes à série denominada “Patologia Social”. Pareceu-nos que ainda podíamos limitar mais o âmbito de nosso estudo, escolhendo a “Patologia Social”. Por quê? Por ser obra cíclica e coerente, escrita segundo plano pré-estabelecido e em que melhor se realizou o talento de Abel Botelho.

A “Patologia Social”, por sua vez, é vasto campo de questões críticas, o que já evidencia rica substância literária. Não sendo possível esgotar todos os assuntos no presente trabalho, preferiu-se fazer uma primeira tomada de contacto com a obra, cuidando, apenas, de alguns problemas fundamentais. E’ imediato concluir que muito fica por realizar, mas foge a nosso intuito no momento. Assim, só para citar alguns outros aspectos merecedores de estudo, a “Patologia Social” pode ser vista em suas relações com o teatro e as artes plásticas; pode-se estudar seus processos de expressão, na linha do Impressionismo dos irmãos Goncourt; pode-se estudá-la em paralelo com o romance de Raul Brandão, e assim por diante.

Pôsto o objetivo, tentou-se alcançá-lo da maneira que pareceu mais conveniente, pela análise de cada romance da “Patologia Social”, feita, tanto quanto possível, *de dentro para fora*, isto é, estu-

dam-se os principais problemas contidos na obra, a procurar compreender o modo como Abel Botelho encarou algumas agitações de seu tempo.

A análise da “Patologia Social” em face de tal objetivo permitiu tirar algumas conclusões que autorizam acreditar que Abel Botelho merece voltar à pauta do interesse crítico.

O presente Boletim de Letras contém a tese que apresentamos no Concurso de Docência-Livre da Cadeira de Literatura Portuguesa, realizado de 18 a 21 de novembro de 1958, perante Banca Examinadora constituída dos seguintes Professores Drs.: Mário Pereira de Sousa Lima (Pres.), Antônio Augusto Soares Amóra, Wílton Cardoso, Cassiano Nunes, Carlos de Assis Pereira, a quem deixamos aqui registrado nosso mais vivo reconhecimento pela forma elevada como orientaram a argüição, e pelas observações oportunas e precisas a pontos falhos do trabalho, que haviam escapado à nossa atenção.

INTRODUÇÃO

O conjunto dos romances de Abel Botelho (1), iniciado com a publicação de *O Barão de Lavos* (1891), e encerrado em 1919, com a publicação póstuma de *Amor Crioulo*, obra incompleta, reserva uma que outra perplexidade para quem o observe com detença. E' que essa obra, pelo menos na maior parte, foi escrita depois de 1890, numa fase marcada pelo declínio franco do Realismo e do Naturalismo e pela conseqüente ascendência de valores que acabaram por formar as tendências do Simbolismo.

Apesar dessas circunstâncias, alguns romances de Abel Botelho não se deixaram ir na corrente dos fatos: mantiveram-se estreita-

-
- (1). — Abel Botelho nasceu em Tabuaço, pequena vila da Beira Alta, a 23 de outubro de 1856, e faleceu em Buenos Aires, como ministro da República Portuguesa, em 1917. Iniciando-se na carreira das armas como simples soldado raso, foi galgando os mais altos postos do Exército, tendo chegado a Coronel. Entre outras funções, exerceu a chefia do Estado Maior da 1.ª Divisão Militar (Lisboa). Pertenceu a várias agremiações (Academia das Ciências, Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses, de Lisboa e do Pôrto, Associação da Imprensa, Sociedade Geográfica de Lisboa, etc.), e foi como um dos delegados dessa última agremiação que esteve em São Paulo, em 1910, por ocasião de um congresso de Geografia. Em 1911 é nomeado ministro da República em Buenos Aires, onde falece em 1917.

Sua carreira literária, começou-a em 1885, com um livro de versos intitulado *Lira Insubmissa*. No ano seguinte, lança *Germano*, drama em cinco atos, em verso. Proposta à direção do Teatro Nacional, esta peça foi recusada. Originou-se uma polémica, por causa do artigo que Abel Botelho dirige aos responsáveis por sua não aceitação. Daí por diante escreverá outras peças de teatro: *Jucunda* (comédia em três atos; 1895), *Claudina* (estudo duma neurótica; comédia em três atos, representada no Teatro do Príncipe Real de Lisboa, na festa artística da atriz Lucinda Simões, a 18 de março de 1890), *Vencidos da Vida* (peça satírica, representada a 23 de março de 1892 no Teatro do Ginásio; três atos), *Parnaso* (peça lírica, em verso, em um ato, escrita para a recita de estudantes, em benefício da Caixa de Socorros a Estudantes Pobres, realizada no Teatro de São Carlos, em 3 de maio de 1894), *Fruta do Tempo* (comédia, escrita para a atriz Lucinda Simões; 1904). Sendo de assunto no geral escabroso, delicado, como pedia o Naturalismo, essas peças causavam agitação, especialmente *Imaculável*, que terminou em arruaças e apupos, e *Vencidos da Vida*, que não pôde prosseguir em cena pelo que continha de crítica ao grupo literário que dá título à peça, e por ser considerada imoral, originando-se daí uma polémica entre Abel Botelho e os responsáveis pela proibição.

Em 1891, Abel Botelho inicia o estudo da sociedade portuguesa na série *Patologia Social*, que deveria ser o exame exigente e científico dos males gerais que infestavam Portugal, sobretudo Lisboa, capital e centro urbano de maior prestígio. O primeiro é *Barão de Lavos* (1891), seguido de *O Livro de Alda* (1898), *Amanhã* (1901), *Fatal Dilema* (1907), *Próspero Fortuna* (1910). Além desses, deixou mais três romances: *Sem Remédio...* (1900) *Os Lázaros* (1904), e *Amor Crioulo* (incompleto e póstumo; seu título anterior era *Idílio Triste*; 1919) e o livro de contos *Mulheres da Beira* (1898; anteriormente haviam sido publicados no "Diário de Notícias", entre 1895 e 1896).

mente presos à ortodoxia naturalista. E' o caso dos romances que fazem parte da "Patologia Social", e, ainda, dos contos de *Mulheres da Beira*.

Entretanto, o romancista, ao mesmo tempo que ia cumprindo o programa estabelecido no prefácio de *O Barão de Lavos*, foi-se impregnando, aos poucos, das novas correntes de idéias, de onde derivar para a atenuação de certos rigorismos naturalistas e para a accitação de imponderáveis. Estão neste caso, ao menos em alguns aspectos, *Sem Remédio...*, *Os Lázaros*, *Amor Crioulo*.

Essas duas direções, cada vez mais nítidas à medida que a obra de Abel Botelho se aproxima do fim, ainda se evidenciam no terreno da expressão. Os romances naturalistas apresentam-se carregados de preciosismos estéticos e científicos, traduzindo a obsessiva preocupação de encontrar a nota precisa para retratar cenas e situações. Nos demais romances, sobretudo em *Amor Crioulo*, as soluções de expressão sofrem visível aligeiramento, poetizam-se, adquirendo fluência de meios tons e transparência líquida.

Já que se dedica o presente trabalho à análise da "Patologia Social", vale a pena deter a atenção nas demais obras, para, tão-somente esboçando seu núcleo dramático, situá-las dentro da evolução estética de Abel Botelho.

Mulheres da Beira tem sido considerado pela crítica o melhor que saiu da pena de Abel Botelho. Tem-se explicado pelo fato de o contista surpreender com muito senso de oportunidade e precisão de traços alguns aspectos típicos da província portuguesa, sobretudo aquêles que se autenticam por seu primitivismo rude e agressivo. A par dessa tendência de retratista de exteriores, nota-se na obra a sensata aplicação das teorias científicas e estéticas, de que resulta equilíbrio permanente e o não haver desmoronamento, pelo exagêro, do edifício estético que pretende construir. Suas personagens, agrestes como a paisagem em derredor, vivem dramas grosseiros, animalíscos, de quem se identifica com a terra a ponto de com ela se assemelhar até no comportamento mental. Dramas freqüentes em populações afastadas dos grandes centros, acima de tudo por sua incultura e estreiteza moral, ou, melhor, por sua embrionária organização mental, algumas vêzes são contrabalançados por fortes e inocentes virtudes, típicas de quem está prêso à terra de horizontes largos e não se deixa contaminar pela cidade. Por isso mesmo, seus dramas convergem para um trágico anonimato e ausência de relêvo, reduzidos a uma cinzentice vital descorada pela dor e a miséria, que os aproxima dos humildes desgraçados de *Os Lázaros*, *Sem Remédio...*, *Amor Crioulo*.

Sem Remédio..., com o sub-título *Etologia de um Fraco*, fixa o drama de um militar ainda môço (2), Gastão, dividido entre duas mulheres diversas no tipo e no caráter: de um lado, Lúcia, jovem de província que faz do recato e da pudicícia qualidades naturais em quem jamais aventurou o espírito e alma fora do âmbito estreito de sua casa, na longínqua Lamego; de outro, Sara, mulher desfibrada por sucessivas frustrações, que se entrega a uma vida de pecado na grande cidade, Lisboa. Entre as duas caminha o pobre doente da vontade, indeciso entre o sentimento casto pela espôsa, Lúcia, e a abrasada paixão por Sara. O desenlace dos acontecimentos, com a ofélica morte de Lúcia, traduz o engolfamento de Gastão na vida urbana e em suas amolecedoras solicitações. O modo, porém, como falece Lúcia, ao mesmo tempo que lembra Fialho de Almeida (v. *Madona do Campo Santo*, de *Cidade do Vício*), pois morre cercada de flôres, mansamente, é um toque de transparente lirismo coroando a biografia de um homem frouxo de caráter. Corre no interior da cena final, como ao longo de tôda a narração quando vista do ângulo de Lúcia, indisfarçável simpatia por seu sofrimento. Tal simpatia, que só enaltece a figura de tão desgraçada mulher, numa época em que a Literatura se extremava na preocupação de pintar mulheres marginais, dessoradas de moral e sentimentos nobres ou fortes, permite crer uma vez mais na presença de elementos não rigidamente naturalistas nos romances de Abel Botelho.

Sem alcançar o ponto a que chegaram alguns escritores ainda seus contemporâneos, é importante atentar para essas clareiras líricas, que traduzem a aquiescência do romancista relativamente a motivos, cenas e pormenores não cem por cento caros ao Naturalismo. O tom poético de algumas cenas, sobretudo o final, é uma diversificação dentro do Naturalismo e do Realismo. Claro, claríssimo está que é possível ver nessas tendências ainda a presença de idéias naturalistas, especialmente se se levar em conta que Lúcia, no caso, não é normal psicologicamente, psiquicamente, pois outra impressão não decorre de sua morte extravagante e lírica.

Os Lázaros fixa ainda situações urbanas. O núcleo da obra é representado pela decomposição dos costumes, da sociedade e da família. O entrecho, os processos e os acidentes gerais da narrativa estão impregnados de intenção naturalista; entretanto, essa intenção não é absoluta, porquanto aqui e ali se imiscuem, na trajetória do romance, situações que o romancista analisa à luz de idéias menos ortodoxas. Nesse ponto se percebe ainda uma vez a ausência de rigor

(2). — Poucas, pouquíssimas vezes, Abel Botelho explorou suas experiências de militar nos romances. Dêses, *Sem Remédio...* é o mais prêso à vida militar.

absoluto em alguns romances de Abel Botelho quanto à estética que tão ardorosamente abraçou em 1891, com *O Barão de Lavos*. O caráter de Leonor, figura central do romance, patenteia uma personalidade em tudo independente, ao ver do romancista, pelo menos independente do pesado fator herança, porquanto os outros dois — meio e momento — continuam atuando. E' que

por um dêstes desvios triviais na psicologia das famílias, o temperamento e o caráter de Leonor divergiam inteiramente das qualidades que parecia deveriam ter-lhe transmitido os pais. Perderia o tempo quem pretendesse na altiva e doce criança encontrar os mesmos estigmas degenerativos (3).

Atrás dos bastidores sente-se o romancista tomando partido em prol de uma família bem construída, sem hipocrisia nem falso pudor. Atrás de tôda a corrupção que a obra traz à tona, está um romancista que propugna por uma sociedade melhor. Se essa impressão se pode colhêr de suas outras obras, — e é legítimo fazê-lo, porque assim ocorrem as coisas — é porém nessas obras, fora da "Patologia Social", que o volume de indignação surda, difusa, implícita, aumenta e chega à superfície mais vêzes. Aumentando até a última hora de modo patente, auxilia a compreender o Autor e a obra.

Já nesse sentido, — mesmo que não se deseje ir a outros — está o valor da obra legada por Abel Botelho e seus contemporâneos, em que pese o envelhecimento de algumas fórmulas estéticas e de certas idéias orientadoras que o tempo naturalmente substituiu por outras. E' inegável, contudo, que o retrato de uma época, por dentro e por fora, isto é, vendo o que pensaram os coevos e o que dela os mesmos fixaram, — época agitada dos fins do século XIX, — só temos na leitura assídua de suas obras. E a obra de Abel Botelho é das mais características. Mais ainda: se se puser em pauta que as largas e fundas intenções presentes em tais obras animam um punhado de homens, aparentemente frios, materialistas, irreverentes, "cientificizados", — mas sinceramente insatisfeitos dos erros e injustiças da hora presente, e desejosos de um mundo melhor, sem fronteiras geográficas ou mentais — ter-se-á equacionado a importância de Abel Botelho e de alguns de seus contemporâneos. Sem exagero, descortina-se com essa geração uma época nova para o espírito, e não é difícil crer que abriram picadas inúmeras por onde caminharam com segurança os porvindouros. Não importa que tenham legado caminhos novos por

(3). — Os Lázarus, Figuras de Hoje, 2a. ed., Pôrto, Chardron, 1919, pg. 95. Susana, personagem de Fatal Dilema, 3a. ed., Pôrto, Lello, 1926, pgs. 100-107, está nas mesmas condições.

seus erros de interpretação, por causa de seu entusiasmo característico de moços idealistas e sonhadores; o que importa é que deram margem a uma extraordinária tomada de consciência de direções novas para a eterna angústia humana de espaço físico e moral. Esse legado de horizontes largos é o maior fruto dessa geração insatisfeita, e sôbre a reconsideração de suas idéias e certezas se caminhou desde então por diante. Sem fazer culturalismo estético, poder-se-ia ir à história política das nações do tempo e encontrar qualquer semelhança com o ocorrido nas Letras. E' o início de uma nova época para o mundo todo.

Em *Amor Crioulo (Vida Argentina)*, enfrentamos um Abel Botelho noutro estágio de sua carreira artística. O romance procura fixar a trajetória de um fugitivo da República portuguesa, de 1910, para a Argentina. Depois de longa descrição de acontecimentos de viagem, com cenas e personagens curiosas, embora sempre iguais, dentre elas algumas brasileiras, e a baía de Guanabara (4), chega a Buenos Aires. Seu amor idílico, puro, com uma argentina, conduz a narrativa, interrompida em altura que não permite cogitar seguramente de seu desfêcho.

Já êsse toque primitivo, adolescente, as freqüentes digressões espiritualizantes (5), já o desligar-se dos determinismos, cria um romance mais leve, linear, menos ambicioso, menos tendencioso, mais atento a situações psicológicas normais, naturais, vividas por pessoas de todos os dias, destituídas de qualquer desvio moral ou físico. E' francamente literatura de humildes.

Concluindo essas considerações preliminares, já se pode ir assentando o feitio fundamental da obra de Abel Botelho, que corre por duas linhas até certo ponto paralelas e mais adiante divergentes. Aceite ortodoxamente o ideário naturalista, o escritor nêle permanece até a altura em que também vai sentindo o afrouxamento das razões, pelo menos das razões histórico-culturais, que deram origem ao rigorismo estético das primeiras obras. Daí por diante, como a invadir setores vedados ao artista prêso na angústia do cientificismo, o romancista alarga sua visão do mundo e das coisas, admitindo a presença de um punhado de imponderáveis no plano da ação humana. Nessa altura, se já não abandonou totalmente o programa naturalista, ao menos atenuou seu rigor e equilibrou ciência com mistério, numa simbiose nem sempre perfeita, mas que reduziu de muito a deformação do mundo operada pela concepção materialista e científica do Universo e do Homem. Não é ocasião de apontar aqui quais

(4). — *Amor Crioulo (Vida Argentina)*, 3a. ed., Pôrto, Chardron, 1927, pgs. 46 e 101.

(5). — Lela-se, por exemplo, a páginas 123-124, a longa reflexão do romancista quando o navio chega a Buenos Aires.

as motivações culturais dessa evolução estética; entretanto, podia-se ir buscar apoio noutras artes, sobretudo a Música, caminhando para o Simbolismo, e a Pintura, agora interessada no Expressionismo, — ou buscar apoio na filosofia e na psicologia do tempo, com todo o movimento anti-positivista, neo-hegeliano e a descoberta do inconsciente a anunciar o aparecimento de Freud. Sem exagerar o quadro que se abre diante dos olhos, como já foi dito, inaugura-se aqui uma nova época para a história do Homem na face da Terra, em que a Técnica e o Espírito pareciam ter de caminhar juntos, para justificar e dignificar a presença da espécie humana. Os tempos vieram mostrar como ainda se faz necessária a então preconizada revolução do Espírito para salvar a humanidade da angústia trazida pelo desenvolvimento excepcional da técnica.

A “PATOLOGIA SOCIAL”

1 — A “Patologia Social”: intenção e extensão

Abel Botelho encontrou o exemplo para sua “Patologia Social” em Zola. As semelhanças e as dissemelhanças são muitas e não é aqui ocasião de as provar, sobretudo se se levar em conta que o romancista tinha atrás de si outras influências, como o romance camiliano, com sua força insinuativa e doutrinária (6). Seu ideal de romancista panfletário não foi tão longe como o de Zola, cuja obra se alarga por vinte compactos volumes, sem contar os demais, que não pertencem ao ciclo. Pretendeu escrever uma obra cíclica em cinco volumes, e alcançou realizar o intento, conduzido por pressupostos estéticos e científicos, que expõe no “Prólogo da Segunda Edição” de *O Barão de Lavos*:

Por três modos diferentes se pode manifestar e exercitar a atividade humana, objetiva e psíquica. Dentro de três fórmulas fundamentais se encerra todo o campo de ação da nossa individualidade, do nosso ipseísmo, do nosso modo de ser social e íntimo. *De três sortes de faculdades, apenas, depende a solução do problema da nossa vida: — faculdades de sentimento de pensamento e de ação* (7).

Quando o valor de tôdas três é igual, ou pelo menos equivalente, no modalismo orgânico de um indivíduo, êste realiza o tipo fisiológico, banal, sem interesse para o meu ponto de vista. O predomínio, porém, de qualquer dessas faculdades, no doseamento dum caráter, origina desequilíbrios, aberrações e anomalismos patológicos, os quais fazem o objeto dos estudos dessa minha série de romances.

O Barão de Lavos, e *O Livro de Alda* pretendem ser a análise de dois exemplares humanos tiranizados pela diátese das faculdades afetivas, — o caso mais comum. Nos romances seguintes procurarei dar o traslado pitoresco de caracteres em que, ainda essa e as duas outras ordens de faculdades predominem.

(6). — Joel Serrão (Sôbre o Romance de Júlio Lourenço Pinto e Abel Botelho, in “Cultura e Arte”, supl. de “O Primeiro de Janeiro do Pôrto”, 10-IV-1956; reimpresso in *Estrada Larga*, Pôrto, Pôrto Editôra, s. d., pgs. 468-472) acredita que “aquilo que de típico êle é, provém da linhagem literária de Camilo”.

(7). — O grifo é meu.

Eis em duas palavras a gênese, o pensamento inicial da série dos meus romances sobre “Patologia Social” (8).

Parece clara a intenção do romancista e em que base científica se apóia para tentar realizá-la. O psico-fisiologismo domina sua “explicação-programa”, como o próprio romancista denomina o “Prólogo”. É relevante observar que, atraído pela fisiologia, então aliada à psicologia, dá menor atenção ao fator *meio*, em coerência com o pensamento de Zola, e com os romances que escreveu, pelo menos em bloco.

Não interessando discutir a validade de sua teoria, aponte-se, de princípio, pelo que se observa, que Abel Botelho está preocupado com indivíduos e não com grupos sociais. Para tanto, teve de dedicar, como confessa, seus dois primeiros romances ao estudo dos desvios do “sentimento”, porquanto se trata de “dois exemplares humanos tiranizados pela diátese das faculdades afetivas”. No mesmo caso está *Fatal Dilema*. Os romances restantes, ainda segundo seu plano, serviram para analisar os desequilíbrios do “pensamento” e da “ação”: *Amanhã* e *Próspero Fortuna*, respectivamente.

O Barão de Lavos gira em torno do casamento fruste de um fidalgo e uma mulher doutra extração social, Elvira. O pobre Barão sofre de grave desvio de personalidade, que o faz homossexual. Para satisfazer êsse impulso, mais forte, nesse desgraçado, que todas as forças internas e externas, aproxima-se de Eugênio, jovem oportunista e desfibrado. Sua ligação torpe afasta-o decisivamente da esposa, que, por sua vez, acaba por se lançar no adultério, com o mesmo Eugênio. Criada a situação dramática, os acontecimentos se avolumam, conduzindo o Barão de baixeza a baixeza, até que, ao fim, morre à sarjeta, ignòbilmente.

O Livro de Alda narra a história trivial de um rapaz, Mário, sem outro amparo que o trabalho, ambicioso de subir por meios honestos, que abandona a noiva, Branca, por uma mulher de vida fácil, Alda. A atração física da amante é de tal forma poderosa que Mário a pouco e pouco se afasta do projeto de casamento próximo para se ligar a Alda. Mais tarde, desfeito o compromisso, Mário todo se entrega à obsedante paixão, e, com isso, caminha a passos largos para o desequilíbrio moral e orgânico. Ao cabo, Branca morre, levada pelos desgostos íntimos, e Mário, em desespero, ao tomar consciência de sua situação, tenta suicidar-se, mas é impedido por um amigo.

(8). — *O Barão de Lavos*, 6a. ed., Pôrto, Lello, 1945, “Prólogo da Segunda Edição”, pgs. VI-VII.

No terceiro romance da série, *Amanhã*, Abel Botelho estuda a superior degenerescência de Mateus, figura soberba de homem agitado por altas idéias de justiça e de paz social. Operário privilegiado de uma tecelagem, comanda os confrades no sentido de uma revolução que daria fim às desigualdades empequenecedoras dos pobres trabalhadores. Para tanto, vai-lhes preparando o espírito de tôdas as formas, por comícios, passeatas, reuniões com agentes estrangeiros, tudo convergindo para o dia em que, de armas em punho, puderem abater a oligarquia patronal. Enfrentam-se, assim, proletariado e aristocracia, no caso, a aristocracia industrial. Os planos de Mateus caminham normalmente, fazendo crer no êxito futuro, até que incide no palco dos acontecimentos a figura de Adriana, filha dos proprietários da tecelagem. Mateus e Adriana apaixonam-se. Adriana tenta impedir a revolução, pondo Mateus em dilema. Quando era chegado ao cume o movimento revolucionário, Adriana consegue afastá-lo de seus propósitos. Em consequência, Mateus suicida-se, dilacerado por sentimentos opostos.

Em *Fatal Dilema*, volta-se ao ambiente da família, aristocrática e frágil em seu arcabouço. O trio dramático é representado por Eusébio Garcia Penalva, mais sua mulher, D. Isabel, e um sedutor, Heitor. Ainda está presente Susana, filha do casal. Casando-se velho, aos cinqüenta anos, com uma jovem de quinze, Isabel, Eusébio Garcia Penalva “havia de convertê-la na antítese moral de sua mãe”. Era sua vingança (9). Sua mãe tinha sido um chilena sensual e pobre de princípios morais. Cedo declara-se a histeria de D. Isabel. Daí para o adultério foi um salto. O marido, mergulhado em forte sentimento de desonra, morre. D. Isabel e Heitor estão livres para continuar sua criminosa ligação. Procuram escondê-la de Susana, mas, certo dia, a menina surpreende tôda a verdade e compreende então o porquê do tormento em que vivera o pai nos últimos dias. Desalentada, morre.

Com *Próspero Fortuna*, Abel Botelho termina a “Patologia Social”, examinando o caso do ambicioso, do oportunista que a todo custo quer ascender, mesmo em troca de seu caráter e da integridade da família. Além da personagem que dá nome à obra, contra-cenam sua espôsa, Maria Luísa, um infiel amigo, Matias Picão, e outros. Casados em Régua, vão para Lisboa, a fim de êle tentar a política. Próspero Fortuna entra em contacto com velhos amigos e, assim, vai galgando as posições de mando, que satisfazem sua débil organização moral e sua vontade exacerbada pela autolatria. Enquanto sobe, vai-se entregando a tôdas as mazelas da cidade grande e da política. Pondo à margem a mulher, permite que Matias Picão

(9). — *Fatal Dilema*, pg. 53.

consuma velha vingança, traindo-o com Maria Luísa, que, por sua vez, mergulhara no ócio vil da sociedade urbana. Não obstante saber disso, Próspero Fortuna prossegue em sua carreira de vaidoso e egoísta, e, através de considerável rol de patifarias, alcança ser ministro, com o que realizava seu exaltado desejo de grandeza e de glória.

Diante disso, percebe-se que o intuito de Abel Botelho era bem claro: a “Patologia Social” pretendia ser o estudo de “casos” clínicos individuais, de onde os cinco romances conterem uma personagem especialmente marcada por qualquer forma de desvio orgânico e moral, segundo as idéias preconcebidamente aceitas. As demais personagens são menos típicas no comportamento, embora êste sempre traduza degenerescência, como é o caso da adúltera, sempre freqüente, com exceção de *Amanhã*, por razões intrínsecas à obra. Entendido o quê, pode-se alinhar os tipos patológicos escolhidos por Abel Botelho: o homossexual, em *O Barão de Lavos*, a hiper-sensual e nervosa, em *O Livro de Alda*; em *Amanhã*, tem-se o degenerado superior, dotado de exagerada vida mental, raiando a paranóia; *Fatal Dilema* gira em torno de uma mulher convulsionada pela histeria em seu maior grau, tal o apoio de uma consciência funestamente lúcida; em *Próspero Fortuna*, a personagem central é um “hiperênico da vontade”, com o cérebro estiolado pela exclusiva ânsia de elevar-se politicamente.

Tratando-se de “casos” e não de grupos sociais, podia-se crer que assim ficava restrita a intenção da “Patologia Social”. Tudo indica, porém, que Abel Botelho leva mais longe seus propósitos, porquanto a análise de indivíduos conduz ao conhecimento de algumas das camadas mais importantes da sociedade do tempo.

Mais ainda: partindo da idéia de que alguns representantes das classes sociais mais importantes são exemplares patológicos, o romancista parece concluir que o todo está a sofrer de graves males. Por outros termos, o exame da patologia individual conduz à “Patologia Social”.

Assim sendo, acima dos indivíduos estão as instituições. Se os primeiros falham, estas igualmente falham. Daí a derrocada da família, da aristocracia, da política, portanto, da moral individual e coletiva, e a conseqüente corrupção das consciências, em todos os quadrantes da sociedade.

Por fim, pode-se entender que a obra de Abel Botelho visava a ser, implicitamente, a fotografia do processo de degenerescência de uma sociedade, numa altura em que a crise moral ameaçava todos os planos da organização social vigente. Dêsse ângulo, a “Patologia Social” é o retrato de vinte anos de agitações, desde a crise que cercou o *Ultimatum* até a implantação da República.

2 — A Crise Moral da Família

A Abel Botelho interessa, pois, a análise da sociedade portuguesa de seu tempo; interessa realizar aquilo que Antônio José Saraiva denominou “Um Inquérito à Vida Portuguesa” (10). A crítica à decadência que se observava nos quadros sociais do País impregna a “Patologia Social” e os demais romances, ora aparecendo de modo difuso e implícito no exame exigente a que se estava submetendo Portugal contemporâneo, ora de modo direto, aplicando, no decurso da narrativa, aqui e ali, injeções de ataque às instituições, em obediência estreita aos desígnios da Revolução, como na época se dizia. E tal é a freqüência de uma e outra maneira de fazer do romance (em obediência à mentalidade do tempo) arma de combate e destruição, literatura de âmbito social, servindo a causas nobres, visando à reforma do *statu quo*, — que escusa ir além de uma ou outra mostra mais incisiva. Em *O Barão de Lavos*, em *Fatal Dilema*, que está na linha do anterior, e em *Próspero Fortuna* vamos encontrar passagens ricamente elucidativas desses propósitos revolucionários:

O atavismo fêz explodir neste (*o Barão*) com rábida energia todos os vícios constitucionais que bacilavam no sangue da sua raça, exagerados numa confluência de seis gerações, de envolta com instintos doidos de pederasta, inoculados e progressivamente agravados na sociedade portuguesa pelo modalismo etnológico da sua formação (11).

Sem querer repetir demasiado, a corrupção do todo está igualmente nas partes. Dessa forma, a “Patologia Social”, se fixa a burguesia e a fidalguia em seu crepúsculo, como se acreditava, fixa também, ao longo dos cinco romances e nos restantes, a diluição da família. Por isso, é possível dizer que a família e a sociedade burguesa e fidalga quase que se confundem, pelas relações naturais de causa

(10). — *As Ideias de Eça de Queirós*, Lisboa, Centro Bibliográfico, 1946

A esse propósito, podia-se juntar, como expressão dos males de que Portugal enfermava nas últimas décadas do século XIX, os artigos que Bento França escreveu em torno de *A Política*, *a Sociedade e a Família — Desregramentos na Família* (in: “Repórter”, de Lisboa, de 29 de julho de 1891 a 10 de dezembro de 1892). Veja-se ainda Carneiro de Moura: *A Mulher e a Civilização*, Lisboa, Companhia Nacional Editôra, 1900.

(11). — *O Barão de Lavos*, pg. 22.

e efeito entre as duas. Como, porém, em três romances — *Próspero Fortuna*, *Amanhã*, *O Livro de Alda* — se estudam situações que, sendo relacionadas diretamente ou indiretamente com a vida doméstica, fogem do âmbito da família constituída após o casamento e discutem problemas de alcance maior, — os outros dois, — *O Barão de Lavos* e *Fatal Dilema* — foram reservados para analisar o mundo que existe adentro das soleiras de uma casa senhorial. Devassam-se aqui as cortinas que guardavam ciosamente os segredos íntimos e trazem-se ao sol as mazelas de uma célula social composta de *deboche* e mentira.

O Barão de Lavos e *Fatal Dilema* seriam retratos ao natural da diluição da família burguesa e aristocrática, no decorrer do século XIX, especialmente na segunda metade, deformados, é certo, pela visão exigente do artista, mas fiéis como registro de uma inexorável ocorrência e indício das crises de uma época, plena de revoltas e de inquietações.

Os dois romances giram em torno do malôgro do casamento, quando subordinado à lei do interesse e da luxúria. Atrás da hipocrisia das aparências corre grosso rio de miséria e aviltamento, formado pela dissolução diária e infectível de uma instituição refratária ao progresso libertador das tradições, que pesam como chumbo, e inoculador de verdades sãs nos espíritos. A análise desse casamento viciado mostra o desfêcho catastrófico da família em torno dele organizada:

E assim, na mudez descreta da noite, na voluptuosa penumbra da saleta aquêles dois esposos, na aparência tão próximos, ambos novos, ambos amantados na carícia do mesmo ambiente perfumado e morno, obstinavam-se longe, muito longe um do outro; êle galopando o destrambelhamento do seu vício; ela deliciando a imaginação e envenenando os sentidos na tragédia dissolvente de *Madame Bovary*.

Era lógico. Derivava naturalmente da índole, da educação, das condições de ligação dos dois esta situação mortificante (12).

Já aqui, o encontro das causas fundamentais de todos os desvios do casamento, e, conseqüentemente, a distorção operada na personalidade de seus participantes diante de situações desvendadoras de atavismos ignóbeis e fraquezas de múltipla origem, mantidas subterrâ-

(12). — *O Barão de Lavos*, pgs. 18-19.

neas através dos anos e à espera de elemento catalizador para vir à superfície.

Das causas da dissolução da família apontadas por Abel Botelho, em primeiro lugar, a educação: é importante para compreender a mulher na vida matrimonial. Para o romancista, a educação feminina ainda corria por conta de moldes românticos, e quem diz românticos, diz burgueses. Não correspondendo à evolução dos tempos, era natural que esses padrões educacionais acabassem por não resistir às exigências do tempo, que pedia à mulher certa consciência de suas prerrogativas e deveres.

Na obra de Abel Botelho, porém, como o próprio romancista confessa, se a educação é fator importante, o fulcro da análise da realidade moral está nos fatores hereditários. As personagens com as quais vamos entrando em contacto, são criaturas estigmatizadas por implacável determinismo, tal a subordinação aos imperativos orgânicos e psíquicos, anteriores ao impacto social. Dessarte, a heroína de seus romances, sobretudo dos três que tratam mais de perto da vida doméstica, é uma mulher de carne e ossos, nervos e sentidos abalados, e algum sentimento a envolver ânsias eróticas violentas, obstinadas e superiores a toda coerção moral ou ambiental. Junte-se a isso a consciência dos atos, praticados sem pudor ou limitação de qualquer ordem, e entender-se-á que se trata de temperamentos defeituosos e de personalidades desequilibradas por taras físicas e mentais. A mulher é caso clínico, hospitalar, patológico em suma, tal o condicionalismo dos sentidos e dos impulsos.

Maria Luísa, de *Próspero Fortuna*, Elvira, de *O Barão de Lavos* e D. Isabel, de *Fatal Dilema*, estão enquadradas nesse esquema, muito embora haja diferenças entre si, num movimento ascendente que começa em Maria Luísa e termina em D. Isabel. A primeira é, das três, a que parece menos jogada por forças orgânicas, com o quê, é menos típica em seu comportamento. Entre Elvira e D. Isabel nota-se crescimento das taras, chegando, com a segunda, ao limite máximo. Nas três, conquanto essas gradações, observa-se perigosa consciência de gozo da existência, as quais admitem, como natural e elegante, o que constitui pecado para a heroína romântica (13).

Percebe-se, de pronto, que a análise da mulher conduz à compreensão do declínio da família, tal a sua importância moral. Para tanto, detenhamo-nos em D. Isabel. Aqui, como noutros passos, o patológico individual é básico para compreender o aniquilamento da família, da sociedade e, indutivamente, da Nação.

Em *Fatal Dilema*, o trinômio dramático é representado por Eusébio Garcia Penalva, D. Isabel, sua espôsa, e Heitor, o homem que

(13). — *Fatal Dilema*, pg. 90.

serve de contraponto e de elemento dissolvente da família. O desmembramento do lar, mais do que em função de Heitor, deriva da doença constitucional de D. Isabel. E' que, para além das razões de ignorância ou de educação, motivadas pela pouca idade com que se casou (tinha quinze anos e o marido, cinqüenta) e sua origem débil, porque filha de uma chilena sensual, — se verifica estar Isabel tomada de forte histeria. Seu drama de histérica sobrelevará tôdas as conveniências e acabará por aniquilar sua família. A histeria era superior à sua vontade e a tôdas as normas do correto comportamento social.

A histeria que aqui aparece, ainda se prende a teorias hoje postas de lado pelo avanço da investigação. No tempo, contudo, discutia-se muito o problema, já se acreditando não ser uma moléstia tipicamente feminina, e ter breve relação com desvios endocrinológicos, em especial os de esfera sexual. A histeria de Isabel, porém, está enquadrada dentro dos limites do patológico sexual (14). E' que

esta admirável D. Isabel, natureza tôda excessiva, alma fadada para os fortes lances do amor e do ódio, tinha habitualmente a expressão severa, e uma doce melancolia histérica lhe laborava o rosto pálido, elegíaco, em que apenas de relance, com uma vivacidade cínica de anjo caído, os olhos grandes e negros falavam petulantemente de amor... (15).

A descrição do rosto de D. Isabel continua sempre no mesmo tom, a procurar desvendar o sentido das linhas da face como indício de comoções da alma e de rebates de sensibilidade e temperamento. E' a caracterologia, baseada no psicossomatismo, segundo o qual o rosto denota as características internas do indivíduo, pelo menos as mais definidas e salientes.

Realmente, dentro da coerência exigida pela estética, Abel Botelho acompanha seus passos de mulher exuberante e doente, a aquilatar o império da histeria sôbre as outras fôrças. Tanto é assim que sente a recriminação do marido e da filha no instante em que morrem, mas se mantém presa à debilidade hereditária. Seu drama está, quem sabe, em não poder superar a doença e ser diferente, "anormal", chegando a se considerar mais vítima que culpada de seus erros, porque está tomada de terrível e involuntária moléstia e porque não a com-

(14). — Para se ter uma idéia das fontes de que se teria servido Abel Botelho, assim como tomar contacto com o panorama dêsses estudos em Portugal durante os últimos anos do século XIX, é de todo conveniente examinar a *Bibliografia Portuguesa de Filosofia*, de Fidelino de Figueiredo (*Estudos de Literatura*, 4a. série, Lisboa, Portugalia Ed., 1924, pgs. 133-173).

15). — *Fatal Dilema*, pg. 34.

preendem nem a auxiliam. Se se lembrar que o marido era um homem gasto, de cinquenta anos, entender-se-á um pouco mais sua situação moral em face da histeria e da família. Desgraçada, jungida ao determinismo inexorável, tudo derrui à sua volta e não alcança a felicidade almejada. Se ainda levarmos em conta que sua consciência, conturbada pela moléstia, apenas vê o lado exterior do problema, isto é, que a sociedade não pune os adultérios, por serem a expressão do “vício galante”, entende-se como D. Isabel é, afinal, joguete de seus sentidos destrambelhados. Não obstante as entrelinhas e as atenuantes do caso, a histeria, acompanhada de certeza cega na prática de certos atos (16), coloca-a ao lado de tantos doentes do mesmo mal que o Naturalismo explorou, e permite ver suas conseqüências negativas no plano em que a mesma se agita.

Nessa ordem de idéias, também as personagens masculinas da “Patologia Social” são exemplares desfibrados, cheios de vícios e de taras. Dentre êsses, ressalte-se o protagonista central de *O Barão de Lavos*, profundamente degenerado, que partilha, com a espôsa, da dissolução do casamento. Sua personalidade, mais complexa que a de Elvira e de quantos participam da obra, caracteriza-se, segundo Abel Botelho, pelo desvio de um dos três fatores que julga fundamentais para o equilíbrio do homem: “sentimento”, “ação”, “pensamento”. Nêle o desvio é do “sentimento”. Com efeito, clinicamente falando, o Barão logo se enquadra no caso do homossexual por razões fortemente atávicas, e é essa anomalia que vai conduzi-lo a uma série de desatinos imperdoáveis e, ao final, à morte miserável, numa sarjeta imunda. E’ que

O Barão garfava por enxertia duplamente bastarda em duas das mais antigas e ilustres famílias de Portugal (17).

A análise das razões atávicas do desfibramento do Barão, Abel Botelho realiza-a indo às mais remotas ligações frustes de seus antepassados, a procurar as causas dos males que o assaltavam. Seu desvio moral e fisiológico cresce ao longo da obra, evoluindo do ponto em que é uma manifestação meramente artística, até explodir, finalmente, no caudal de taras patológicas. Sua vida é, por isso, um arrostar de vícios infames, denegrindo a família, a sociedade e as multisseculares tradições históricas:

Tinha na alma a corrupção do século.

.....¹
Solitário e egoísta, sem ocupações, sem ligações, sem fa-

16). — Para elucidar estas observações e melhor compreender o caráter de D. Isabel, era de todo útil ler o capítulo III, pgs. 64-92, de *Fatal Dilema*.

(17). — *O Barão de Lavos*, pg. 19.

mília, êle fizera da vida um regalado ofício de malandrim; uma cadeia prostibular de aviltamentos, vergonhas, inépcias, tresvarios; uma coisa sinuosa e sôlta, imunda, esfarapada. Seguia direito e leve como um sonâmbulo, maquina, num descaro. E na despejada fruição da sua ascoenta vadiagem, só o vício tinha voz, só as mais baixas paixões tinham império... só ao farpão do último apetite é que dêse pleno impaludismo a sua alma acordava (18).

Assim, fidalgo degenerado até atingir o último degrau a que pode descer o homem, denuncia em sua queda a impressionante deliquescência da família, de que deveria ser o centro e guia natural; da fidalguia, a que pertence por direitos de herança e de sangue; da organização social, em que o Barão devia ser fonte de exemplo otimista e cheio de esperança. Degenerescência total, crise absoluta de valores, derrocada das instituições largamente estabelecidas.

O Barão é, por isso, ao lado de D. Isabel, o eixo apodrecido de duas famílias de raiz fidalga, ao menos por uma de suas partes, e a causa maior de seu desfibramento. A histeria e a homossexualidade, doenças individuais, traduzem o desgaste geral e transformam-se em denunciadores de moléstias coletivas; no caso, sobretudo, da família.

Além dos dois protagonistas, núcleo da efabulação e causa motriz, outras personagens circulam em derredor, formando a atmosfera necessária para o aparecimento de fraquezas novas, porquanto o encontro de criaturas de igual tendência cria uma irmandade tão forte que pode identificá-las tôdas no êrro comum. Não há sanções penais ou morais contra falhas num campo social onde um delito justifica outro. Assim, as outras figuras são contrapontos necessários e freqüentes de uma sociedade dessorada de sua força moral para se manter coesa e inspirar confiança.

Eugênio, jovem oportunista e vazio de tudo, procede de modo ambíguo, sendo para o mesmo casal, Elvira e o Barão, aquilo que esperavam que fôsse: amante. A ambos confere uma fração de sua debilidade e a ambos explora. Frute do tempo, como quer mostrar Abel Botelho, consegue escapar porque é esperto, calculista e frio nos desígnios. E' um primo Basílio adolescente, menos autêntico e dividido, mas igual oportunista e indiferente à desgraça alheia.

Os outros que desfilam diante de nós, colaboram, cada qual à sua maneira, para compor famílias e uma sociedade apodrecidas: Dorotéia, criada de servir, ambiciosa e calculista; Xavier da Câmara, D. João impenitente, conquistador sem escrúpulos; Horácio Martins, romântico inveterado, lírico, sonhador, desajustado; Albaninho, de

(18). — O Barão de Lavos, pgs. 412-413.

Fatal Dilema, tipifica bem a aceitação de pressupostos biotipológicos, já apontados em D. Isabel, é um degenerado por heranças e por moléstias de origem secreta.

Outras várias figuras vivem nesse meio, tôdas elas contagiadas pelas morbosidades morais e físicas de uma sociedade coróida, e em tôrno da família, feita de mentira e de alicerces apodrecidos.

Concluindo, a tese que aqui se expõe e se defende, é justamente a do dessoramento da família, porque lhe faltam sólidas bases morais. Mais ainda: porque seus participantes são doentes, mental e fisicamente, arrastando uma vida de mazelas diárias, de abjeções e degradações encobertas num manto de hipócritas convenções que nada encobrem. Um dia, inevitavelmente, a família se desfaz como tumor, ante o evoluir natural de sua decomposição lenta e profunda. A família e a sociedade que ela forma, são, em suma, um caso patológico, na medida em que seus componentes o são.

3 — A Crise Moral na Vida Política

Tendo dedicado em especial dois volumes da “Patologia Social” para o quase exclusivo exame do casamento fidalgo, fruste e pecaminoso, Abel Botelho reservou uma das obras para a análise da vida política portuguesa coeva (19). Trata-se de *Próspero Fortuna*.

O problema político expresso no romance apresenta algumas direções fundamentais. Tudo faz crer que o intuito inicial do Autor era pintar o quadro geral da vida política portuguesa, recortando, de determinada e específica “paisagem” humana, uma figura que fôsse altamente característica, simbólica mesmo de uma situação ou tendência política. Escolheu-se a personagem que dá nome à obra.

-
- (19). — A geração realista, diga-se de passagem, encarnou a onda de indignação levantada muito alto no último quartel do século XIX. Os diários e os periódicos — porque o Jornalismo fornece o panorama cotidiano e atuante de um movimento de idéias — são unânimes em assumir posição de combate e de análise. A palavra crise é frequentemente usada e seu conteúdo justificado por inépcia, relapsia, desonestidade, fraqueza de caráter, enfim, um conjunto de tibiezas resumidas numa tradição assente em raízes apodrecidas. Crise é aqui sinónimo de falta de homens de brio capazes de solucionar serenamente e enérgicamente os problemas pátrios. Crise em vários setores da vida pública, especialmente do ângulo político, porquanto os ministérios se sucedem, incapazes de fazer face aos problemas gerais. A êsse atestado de anemia da Pátria junta-se a luta de interesses pessoais a que os diários se prestavam admiravelmente, e ter-se-á o quadro da situação. O público leitor ia-se envenenando de seus governantes, muito embora fôsse pouco o que, de sua atividade malsã, lhe chegava ao conhecimento, naturalmente escondendo mazelas de maior vulto. Forma-se denso pessimismo, psicose coletiva que leva ao desânimo e mais acentua a moléstia da Nação. Círculo vicioso.

Com respeito a essas observações, vejamos:

Oliveira Martins: “A Crise Portuguesa”, in: “O Repórter” Lisboa, 21-4-1893. — Carneiro de Moura: *A Política Portuguesa*, Lisboa, Manuel Gomes Ed., 1898 (Parte I — “A Crise Nacional”). — Sampaio Bruno: *Os Modernos Publicistas Portugueses*, Porto, Liv. Chardon, 1906, cap. X, especialmente pgs. 383-388. — Teixeira Bastos: *A Crise — Estudo sobre a situação política, financeira, econômica e moral da nação portuguesa nas suas relações com a crise geral contemporânea*, Porto, Liv. Chardon, 1894. — J. A. Silva Cordeiro: *A crise em seus Aspectos Morais — Introdução a uma Biblioteca de Psicologia Individual e coletiva*, Coimbra, F. França Amado Ed., 1896. — Marques Braga: *Ensaio sobre a Psicologia do Povo Português* / Sep. de “O Instituto” /, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903, pgs. 98 e ss. — Reis Dâmaso: “Comédia Burguesa, 3.º vol., O Salústio Nogueira — Estudo de Política Contemporânea, por Teixeira de Queirós”, in: “Revista de Estudos Livres”, 1.º vol., Lisboa, 1883-1884, pgs. 229-234. — Luis de Montalvor: *História do Movimento Republicano em Portugal*, Lisboa, 2 vols., Ática, 1930 (especialmente o 1.º vol.).

No romance estão presentes as típicas reações do político ambicioso, venal e, por isso mesmo, mais politiqueiro que político, pois suas preocupações e seu comportamento são marcados por forte dose de egoísmo. Esse egoísmo, expresso em atitudes de quem possui espinha de papelão e não titubeia derramar-se até parecer capacho para atingir o objetivo final, traduz-se de modo flagrante em seu displicente encolher de ombros diante da situação delituosa da espôsa. Desfibrado, personalidade gelatinosa, Próspero Fortuna alcançará altos postos em detrimento do pouco de dignidade que ainda possuía, dignidade essa inicialmente conspurcada pelo adultério da mulher, que não lhe provoca a mínima reação varonil. Antes, a queda moral da família era uma forma de subir, porquanto estava implicado no caso um falso amigo, impregnado de velho ódio que o fazia esperar ansiosamente o momento da vingança, agora consumada no adultério com a espôsa de Próspero Fortuna. Se entendermos, porém, que Matias Picão, esse é seu nome, é figura de certa importância na política, e, com isso, poderia encaminhá-lo nos primeiros passos de sua carreira, — compreender-se-á a atitude torpe de Próspero Fortuna. Pouco lhe importava o desmoronamento do lar, contanto que alcançasse satisfazer sua ânsia de gozo e domínio, sua vaidade e altivez plena de vácuo.

Sua trajetória, por isso mesmo, e sua personalidade são muito simples: um homem da província, de Régua, em Trás-os-Montes, medíocre bacharel em Direito, medíocre caráter e altamente ambicioso:

— Vamos, sim! vamos entrar na vida. Quero também, com'os outros, influência, poder, dinheiro! (...) Apre! Não valem mais do que eu! (20).

doente da vontade:

Nêle o domínio hiperêmico da vontade,— essa pedra angular do caráter, — era igualmente a qualidade substancial que lhe fecundava o cérebro e lhe inviperava o desejo (...) êle constituía um dos exemplares mais típicos e mais completos desse feroz *ipseísmo* que é o produto lógico, espontâneo, da nossa civilização vertiginosa e egoísta. Além disso, opiniático e orgulhoso tanto mais, quanto lhe inflamava o encéfalo numa desmedida confiança em si próprio. Era uma ilimitada querença, lardeada de vaidades (21).

(20). — Próspero Fortuna, pg. 8.

(21). — Id., pg. 17.

Quanto a esse problema, veja-se: Silva Teles: "Patologia da Vontade", in: "Revista de Estudos Livres", 1.º vol., Lisboa, 1833-1884, pgs. 395-399; 497-500; 543-551.

Casa-se com Maria Luísa, pertencente a “uma medíocre família burguesa, de escassos recursos, tão minguada de ouro na *burra* e de bragal nas arcas, como farta na mioleira das ninharias mirabolantes” (22) e deixa-se acenar com o convite para ir a Lisboa, a confirmar seus extraordinários dotes de talento revelados já antes em “brilhante” discurso realizado em Régua (23). O quadro clínico está completo; a moléstia segue seu curso inexorável: chegada a Lisboa, a descoberta do mistério da cidade grande, que assume diante do provinciano os ares de uma Paris mais próxima, cidade de prazer e luxo, de gôzo e requinte. O engodo era produto de sua estreiteza mental, como não poderia deixar de ser. Nesse pormenor está uma tendência comum à obra de Abel Botelho, a de apontar personagens limitadas e medíocres mentalmente, já que seu intuito inicial era mostrar também esses tipos de desvios de personalidade. Mas é de notar, como faremos logo mais, o fato de certas figuras da vida política e social de Lisboa guardarem, atrás da afetação e da soberba casquilha, espíritos tacanhos, saloios, quando não também corrompidos pela luxúria e a devassidão. O espetáculo da cidade cosmopolita, pleno de atrações para o forasteiro, acaba engolfando o pobre doente da vontade:

— Visto que por cá a moral é essa, eu também quero!
(24).

Em síntese, o panorama político apresentado no romance mostra duas facetas principais. De um lado, digamos assim, o aspecto polêmico, idealizante, revolucionário, representado pelas idéias liberais, socialistas, republicanas, em litígio não raro com idéias conservadoras, monárquicas. De outro lado, põe-se a análise do comportamento dos homens ligados à política, comportamento não só em relação a ela própria mas em relação às outras atividades diárias. A análise culmina com um sôpro de solução para os vários males que infestavam a realidade portuguesa da época. Tal solução um tanto dilemática, circula entre dois pólos antagônicos, a Salvação e a Catástrofe.

No geral, *Próspero Fortuna*, romance de tese que é, romance-ensaio (25), desenvolve a idéia muito comum ao tempo de que tudo demoraria, engulido pela inépcia e pelo escândalo; uma “choldra”, enfim, como habitualmente se dizia:

(22). — Id., pg. 29.

(23). — Id., pgs. 37-38.

(24). — Id., pg. 52.

(25). — Antônio José Saraiva (*As Idéias de Eça de Queirós*, Lisboa, Centro Bibliográfico, /1946/, pg. 6) apolando-se em João Gaspar Simões (*Eça de Queirós, O Homem e o Artista*, Lisboa-Rio, Edições Dois Mundos, 1945) e em Alvaro Lins (*História Literária de Eça de Queirós*, 2a. ed., Pôrto Alegre, Liv. do Globo, 1945), reafirma o caráter ensaístico de *O Primo Basílio* e *A Cidade e as Serras*. Mais razão ampara *Próspero Fortuna* como romance-ensaio, romance-panfleto, tal a virulência de suas páginas.

— Chegámos ao momento em que a água suja e viscosa dá pela barba (26).

Entende-se por isso que a onda de decomposição cresça assustadoramente:

— Somos forçados a demolir, em vez de construir. E' uma desgraça para um país fraco e atrasado como Portugal, porque isso implica a perda de uma energia que poderia ser melhor empregada (27).

Por outro lado, a azêda análise que se procede na sociedade portuguesa segue duas direções: uma, ativa, pela ação revolucionária e panfletária a que não faltou alta dose de entusiasmo muscular, outra, digamos, contemplativa, pela elaboração de obras com preocupação estética. Ambas as direções, é óbvio, confluem para o mesmo ponto e se resumem no ser uma literatura e um pensamento de combate, doutrina e ação reformadora. Todo o panfletarismo amargo que acompanhou a batalha de redenção social, vai impregnar a atmosfera do tempo e a obra de alguns, como, por exemplo, com mais saliência, a obra de Guerra Junqueiro, já é sabido (28); Fialho de Almeida com *Os Gatos*, e tôda a "Patologia Social".

A análise pessimista e arrasadora começa por surpreender os políticos, tidos como os sustentáculos da Nação e do Regime, entregues a grossa vida de corrupção, moral antes de tudo, que se expressa na predileção pelos ambientes prostibulares. Ali, em pleno bordel, deramados numa familiaridade absurdamente pelintra, devassa e sem máscara, resolvem êles os magnos problemas em que se debatia Portugal nos últimos trinta anos do século XIX, quando viveu uma das mais dolorosas crises de sua história, crise essa marcada pelo desfiamento do regime, impotente para fazer face aos problemas interiores e exteriores, e ainda pela falta de hombridade geral, acompanhada de enfraquecedores transes econômicos que debilitaram profundamente a Nação.

Tão alto subia a onda de corrupção no seio da política que ali, no lupanar, se reuniam seus mais importantes representantes, deputados, conselheiros, condes, duques e tôda uma fauna de homens das chamadas altas esferas — ali se reuniam para decidir dos problemas

(26). — Palavras de Oliveira Martins, em 1885, apud Lopes de Oliveira, *História da República Portuguesa (A Propaganda na Monarquia Constitucional)*, Lisboa, Ed. Inquérito, s. d., pg. 65.

(27). — Palavras de Rodrigues Freitas, em 1887, apud Lopes de Oliveira, op. cit., pg. 67.

(28). — Atente-se nas obras poéticas de combate, como *A Morte de D. João, A Velhice do Padre Eterno, Finis Patriae, A Marcha do Ódio, Pátria*, e, de modo especial, em seus discursos em prol da República, em *Horas de Combate*.

nacionais. E' Matias Picão, o terceiro elemento do grupo passional da obra, quem dá a síntese realmente flagrante da situação:

Quem dominar os governos está senhor da situação. Por isso nós apenas curamos de cavalgar a manhosa azêmola do poder... por isso S. Bento abdicou em S. Roque... por isso, em última análise, a sede autêntica do poder é aqui! o verdadeiro parlamento português, o seio da representação nacional é este! (29).

O retrato consciente e desabusado corresponde fielmente à situação criada pelo romance, a ponto de, mais de uma vez, ali se reunirem para debater e resolver as questões da política diária. E' imediato compreender o significado disso, como símbolo da decadência da própria política, da Nação e das instituições sociais, entre elas o casamento.

Nesse sentido, como flagrante retrato por dentro, através dos bastidores, das infamantes conversações de natureza política, os conciliábulos, as venais transações de toda ordem — *Próspero Fortuna* é fiel documento de sua época e largamente atual, tirante seu tom parcial, devido aos pressupostos estéticos e científicos, e a evolução dos problemas que o tempo apresentava sem esperança de solução próxima. E' atual, contudo, o retrato do político, melhor, do político-queiro, mais ávido de ganho fácil que de idealismos sacrificadores por uma pátria menos jogada pelas comoções intestinais que a dessoram trágicamente. A política que se estampa no romance, a começar de seu protagonista principal, é marcada de alto sentido de "salve-se quem puder", em que o assalto aos postos e às posições de mando obedece a egoísmos de toda espécie. Com o quê, naturalmente

A suspeição sobre ministros e parlamentares é geral. Os negócios particulares e os negócios públicos baralham-se de tal modo que a entrada nestes parece condição somente para agenciamento daqueles; há a impressão de que, se se procuram as situações de ministro, de deputado e de par, e ainda de altos cargos do funcionalismo, é exclusivamente para manobrar contra os cofres do Estado e a economia nacional a gazuada das concussões e dos latrocínios (30).

E', sem tirar nem pôr, a situação de *Próspero Fortuna* e de seus pares. O romancista mais de uma vez suspende o desenrolar dos acontecimentos para incluir notas de análise da situação. Diga-se a bem da verdade que a intriga romanesca, o quadro passional, ocupa

(29). — *Próspero Fortuna*, pg. 59.

(30). — Lopes de Oliveira, op. cit., pg. 61.

lugar bastante secundário, e a obra é conduzida pelo intuito evidente de fazer panfleto. Assim, numa de suas inúmeras digressões reflexivas e não raro impregnadas de indignação e espírito de combate, diz o Autor:

Os interesses políticos são egoístas, são mesquinhos, sórdidos, porque não representam mais do que a daninha gula insaciável das seitas e dos partidos. E eram agora êstes que naturalmente prevaleciam numa sociedade formalista, hipócrita e assente em bases tão instáveis e artificiais como a nossa (31).

Atente-se ainda aqui no diagnóstico da sociedade portuguesa do tempo e na análise da situação política. Essa análise, que se repete ao longo da obra, atinge alturas de ataque ousado e sobranceiro quando Próspero Fortuna, convidado para fazer o editorial para o jornal *Noticiário*, e, sentindo-se incapaz, convida Aires Pinto para o fazer. Aires Pinto, mção, idealista, com idéias avançadas na cabeça, lança fortes ataques à Monarquia e à Igreja, e prega um socialismo de vanguarda, embora um tanto utópico. Seria exaustivo transcrever suas idéias a respeito, mas valia a pena atentar para as páginas 144-145 e 182-187 de *Próspero Fortuna*, carregadas de coragem no afirmar e combater os males da nação enfêrma. Aires Pinto representa uma das facêtas do romance, justamente por causa desse socialismo utópico.

Visto dedicar-se o capítulo seguinte ao exame desse aspecto da “Patologia Social”, assente-se desde já sua presença em *Próspero Fortuna*. Nesse romance, por causa de seu caráter doutrinário e polêmico, já aparecem algumas das tantas manifestações de insatisfação e inconformismo típicas de uma época em que a vida política do reino se mostrava, como se está a ver, desintegrada nos seus alicerces.

Importa-nos, por ora, o outro lado, a fotografia da crise geral da época, a começar da crise moral, já apontada, até atingir a crise econômica (32), tendo como núcleo central a questão do *Ultimatum*.

E’ assim que, percebendo os liames internos da geral situação de enfraquecimento em que estava a Nação, Abel Botelho parte do clima social para chegar ao econômico, e, ao fim, culminar no ideológico. Com isso se procurava explicar o mecanismo das idéias orientadoras do tempo, e a evolução natural e fragorosa no sentido de aceitar verdades mentais revolucionárias e atentatórias às institui-

31). — *Próspero Fortuna*, pg. 270.

(32). — *Id.*, pg. 269.

ções vigentes. E' de todo patente que o ficcionista procura mostrar a escalada inexorável no sentido da tomada de consciência de classes, em que umas, mais favorecidas, se enfrentavam com outras, inferiorizadas, mas em vias de rebelião. A essa tomada de consciência das desigualdades sociais se segue natural insatisfação. O romanista, ao diagnosticar a situação, percebe forte nexos de causalidade conduzindo os espíritos adentro do inconformismo geral, de que decorrerá o encontro de fórmulas filosóficas, políticas, econômicas, etc., capazes de fazer face à crise geral. Dentro dêsse silogismo rígido, movendo-se num círculo vicioso estreito, as incisivas e iconoclastas conclusões no sentido da República e do Socialismo são decorrências obrigatórias. Por que o determinismo cerrado na análise de grupos e problemas sociais? A resposta é simples se se lembrar que

o ambiente social é que se ia tornando marcadamente favorável à avassaladora expansão das doutrinas demolidoras. Por uma pernicioso complexidade de causas, o mal-estar geral agravava-se dia a dia, os negócios não andavam, ninguém se julgava seguro, nem os ricos nos seus haveres, nem os pobres nos seus salários; em tôdas as camadas se sentia um reprimido fermentar de angústias; tôdas as classes em vão reclamavam medidas de fomento que melhorassem o zero precário da sua condição ou esmulhassem o irrisório quinhão dos seus interesses (33).

Os acontecimentos, acompanhados da vontade e da esperança de uma solução para os males que afligiam a Nação, se precipitam, se amontoam, conferindo ao ambiente a impressão de catástrofe definitiva. E' que em todos os setores a crise se mostrava negra, grossa, tenebrosa, porque faltava acima de tudo caráter e fôrça de vontade. Nessa esteira rica de eventos entristecedores, com a política arruinada, a economia periclitante e os costumes por baixo, batidos pelo vento do progresso, coloca-se em posição chave, pelas suas consequências em todos os setores da vida pública, e privada, o *Ultimatum* inglês de 1890. O *Ultimatum*, ofensivo aos brios nacionais portugueses por todo o seu significado expresso ou subentendido, foi como que a culminância de um processo longo e subterrâneo de incertezas e fraquezas, iniciado nos princípios do século XIX, quando a África começou a ser reconquistada para o interesse das nações européias.

Abel Botelho, inflamado como era, mais de uma vez transporta para *Próspero Fortuna* a questão do *Ultimatum* inglês. Apanhe-se

(33). — Id., pg. 274.

o trecho em que mais direto fala o romancista, como a fazer obra ensaística e não de ficção:

Como é lógico epílogo às malquerenças oficiais da Grã-Bretanha, viera agora a vergastada humilhante do *Ultimatum*, moral e materialmente, amachucar-nos. Por via dessa investida brutal a fementida aliada de sempre feriu-nos o brio patriótico, esbulhou-nos do território do Chire, ao sul do Niassa. Foi uma violação e um achincalho. Num ímpeto de indignado alarme, a consciência pública estremeceu. Contra essa dura e imerecida afronta a nação tôda se levantou, altiva e nobremente, num dolorido protesto de queixume e de revolta. E' claro que o combalido chaveco ministerial não pôde aguentar-se ante os embates vibrantes da vindita nacional. Abriram-lhe um rombo formidável os clamores da imprensa, as severidades da opinião e a agitação das ruas. Poucos dias volvidos sôbre êste triste e fatal 11 de janeiro, Furtado Dantas demitia-se; e em obediência às estreitas manhas rotativas, eram os *tratandistas* chamados ao poder (34).

Dêste modo, a crise provocada pelo *Ultimatum* simboliza a própria crise das instituições: decisiva, embora não fundamental (35). Era de esperar, no entanto, que todos os abalos e emoções sofridos nesses anos de crise haviam de arrastar os mais exigentes e entusiasmados para uma direção política de extremos, a buscar solução justamente no contrário daquilo que se observava. A República, ou melhor, o anseio de República em pouco tempo cresceu e dominou os espíritos, e houve um momento em que se passou a acreditar que a salvação da Pátria estava no regime republicano.

Abel Botelho introduz em *Próspero Fortuna* o problema do republicanismo, que não se desligava do ambiente político examinado no romance, no conjunto a refletir o panorama mental da época. Assim é que, numa página de flagrante diagnóstico, retrata a situação:

(...) nunca ainda, como àquele tempo, em Portugal se fizera tão vivo, tão claro e público alarde do ideal republicano. A plausibilidade, a urgente necessidade, mesmo, dum movimento social neste sentido, ganhara mais ou menos tôdas as classes, inflamava os mais antitéticos espíritos de lés a lés, acendia pelo país os mais ardidos e puros entusiasmos por essa solução redentora e fecunda.

(34). — Id., pg. 329.

(35). — Lopes de Oliveira, op. cit., pg. 76.

Não era agora como nos inofensivos tempos de Sousa Brandão e José Elias Garcia, não era um mero ensaio teórico de doutrinação, de ponderada educação cívica; antes se sentia avassaladoramente rugir uma atividade febril de propaganda. Na iluminada impulsão do seu idealismo, jornalistas, industriais, jurisconsultos houve que, renegando o credo monárquico, dos grandes centros espontâneamente desertaram para fazer por êste país fora irradiar o clarão redentor da Boa Nova. Nas duas principais cidades, Lisboa e Pôrto, acentuavam-se e cresciam por uma forma prodigiosa as adesões a uma renovação francamente democrática, na governação e administração das coisas públicas. E ante êste nervoso e possante acordar da consciência nacional, fremente de justiça, os altos poderes do Estado imobilizavam-se numa inação positivamente imbecil, sob o ponto de vista da sua defesa. Nem olhos para ver, nem tino para proceder. Tudo ia sôltamente correndo à revelia... Os jornais adversos ao Regímen proclavam francamente a revolução, exprimiam-se e manobravam em absoluta liberdade; formigavam numerosos os clubes, sem a mínima fiscalização vigilante da polícia; e fazia-se muito à vontade um sistemático labor de organização das legiões republicanas, trabalho que acertadamente ia procurar raízes na mesma íntima estrutura das instituições paroquiais e municipais. E fácil e adaptativamente êste emancipador modo de sentir alastrava, dos grandes centros, não só pelas províncias do Sul, menos ignorantes e fanáticas, — o que não admirava tanto, — como também por todo êsse Norte, à pávida sujeição do clericalismo estúpidamente acorrentado ainda. Para mais, em triunfante vantagem de tão ardentes aspirações, vinha a prosperidade, o sossêgo, o desfôgo crescente do Brasil, com pouco mais um ano apenas de república, e cuja notícia aqui derramava, por cada paquete, alentos novos. — Assim, arrastava-se a nação cada vez mais longe dessa ansiada era de concórdia e de trabalho, tão indispensável para obter-se o revigoramento dum povo desafortadamente imolado às delapidações e brigas dos encartados demolidores da monarquia (36).

Não podendo fugir à coerência que desejou erigir como lema de sua “Patologia Social”, coerência essa um tanto delimitadora de

36). — Próspero Fortuna, pgs. 458-459.

sua visão da realidade, o romancista enfileira-se também entre os exaltadamente anti-monárquicos; mais de uma vez insere passagens francamente anti-monárquicas, como a que se segue:

Cegos e teimosos sempre em não quererem compreender que as monarquias constitucionais são um duplo ludíbrio: para o prestígio dos tronos e para as aspirações dos povos! E assim nada se pode conseguir, um rotineiro prego entrava a liberdade, não há luta, não há impulsão, não há progresso. O nosso grande e ansiado movimento de libertação sòmente será benéfico, e heróicamente fecundo o sangue derramado, quando o povo souber sacrificar-se e morrer, não para amparar uma instituição caduca, mas para alcançar a vitória delirante dos seus direitos. — E que para aí caminhávamos vertiginosamente, porque de há muito que a monarquia vinha arrastando uma vida miserável de expedientes, conseqüência da antinomia profunda cavada entre as instituições e o povo. Aparentava-se com esforço que existia perfeita harmonia entre as grandes forças vitais do país e o Estado, e por efeito desta impudente ficção se cultivava no estrangeiro o crédito, que amiúde nos permitia dinheiros. Mas no momento em que se descubra que essa tão apregoada solidariedade não existe, os dias da monarquia portuguesa estão contados! — “Falta êsse justiceiro arrancar da máscara. Na vida periclitante e abjecta do Regímen, então, a grande revolta patriótica a fazer ser a causal traumática da sua agonia” (37).

A êsse anti-monarquismo, se juntou como corolário, no diagnóstico da negra crise nacional, um sentimento áspero e carregado de ódio contra as instituições religiosas. O anti-clericalismo encontra atmosfera propícia para medrar e desenvolver-se, sobretudo porque se acreditava que uma das causas da decadência nacional residia na força atuante do clero no seio dos poderes constituídos. A Igreja e o Estado, essa era a impressão dominante, tinham seus destinos ligados indissolúvelmente, de forma que ambos mereciam a culpa pela crise vigente. Dêsse modo, atacar um sem atacar o outro é ser parcial; ambos têm de ser atacados igualmente:

A intrusão, na política, das oligarquias financeiras acen-tua-se desde a invasão clerical em 1880; coincide o engrandecimento da plutocracia e da teocracia. E não será paradoxal afirmar que o jesuitismo manobra tão afanosa-

mente nos sindicatos como nas secretarias e nos confessionários... (38).

Ao diagnóstico da crise, seguem-se as primeiras manifestações de desgosto contra as ordens religiosas (39).

Abel Botelho, em *Próspero Fortuna*, não fugiu ao tempo e à coerência de sua orientação estética, infiltrando mais de uma vez cargas corrosivas de anti-clericalismo, fria e impiedosamente dissolventes:

... era a mesma pátina tostada e negra opressivamente vincando, na monotonia freirática das suas linhas, o pacto simbólico entre a Tiara e a Coroa, êsse tenebroso conluio tramado pelo fanatismo e o absolutismo no sentido de lhes garantir a perpetuidade à sua muda onipotência. Eram o supremo arbítrio de esmagar, discricionário, impune. Tinham os alicerces caboucados sôbre a consciência humana (40).

Com alguma freqüência o romancista se referirá, direta ou indiretamente, aos compromissos entre a Igreja e a Monarquia. Certa feita, como que abrindo uma clareira numa obra de intencional análise da vida política, vai mais longe no exame do clero e penetra nos mistérios dos conventos, mostrando o viscoso rio de imoralidade que ali corria (41). Com isso se explica a infância de Ivone, uma espécie de Naná lisboeta, que prende integralmente a atenção e parcialmente a consciência de Próspero Fortuna, permitindo assim revelar uma forte tendência de seu caráter débil e antecipar tôda a trajetória de sua vida.

Localizadas as causas da decadência geral da Nação dentro do programa estabelecido, restava a interrogação final: e agora, há ou não salvação? Dar-se-á a “Catastrofe” ou o “Milagre”? (42). Pois

Debatemo-nos logicamente na liquidação de três séculos de decadência. De hoje pr’amanhã, ou a emancipação ou a morte definitiva! (43).

De pronto se percebe que as duas direções encontram adeptos fervorosos, o que não impedia bandeamentos de ambos os lados, ou evolução natural para o lado contrário. A solução milagrosa trazia

(38). — Lopes de Oliveira, op. cit., pg. 66.

(39). — *História de Portugal*, dir. por Damião Peres, 8 vols., Barcelos, Portucaleense Ed., 1935, vol. VII, pgs. 404-434.

(40). — *Próspero Fortuna*, pgs. 194-195.

(41). — Id., pg. 305.

(42). — Antônio José Saraiva, op. cit., pg. 114. Valia a pena ser lido todo o cap. V, pgs. 89-114.

(43). — *Próspero Fortuna*, pg. 117.

implícita a crença numa república ideal, plataforma de encontro de todas as legítimas aspirações coletivas. Feito o balanço, é possível dizer que a solução pessimista predominou.

Abel Botelho, em *Próspero Fortuna*, sintetiza o desânimo e o pessimismo em poucas linhas, pessimismo e desânimo que orientam, diga-se de passagem, toda a “Patologia Social”:

tôda a crise atual da sociedade portugueza se resume neste fato único, — tem uma família (*real*) a mais. Não é uma crise social ou econômica que nos consome, não é uma luta de classes. . . simplesmente a ação deletéria, o envenenamento pelos estragos feitos, dentro do organismo social, por êsse corpo estranho com as respondentes incrustações parasitárias (44).

Se se levar em conta que é uma personagem que fala, e que as negativas devem valer por afirmativas, reais ao longo da “Patologia Social”, entender-se-á o quadro descrito.

A solução salvadora também está presente, mas de tal forma ligeira e embutida no rosário de negativismos, que se perde inteiramente e mal deixa um breve eco, servindo mais de contraponto para o outro aspecto que de índice de uma tendência do tempo. E’ digno de nota que êsse lanço breve de otimismo e salvação está vinculado à África. A cena, contada por miúdo, se passa no gabinete do ministro Trindade, aonde chega o cônego Bonança, das Missões Ultramarinas,

o qual vinha apresentar a S. Exa. os novos missionários que para a África em breve deviam partir (45),

entregando-se a uma vida de martírios e sofrimentos,

tudo no fervoroso empenho de por essas inóspitas regiões exaltarem a sublime religião do Cristo e dilatarem a civilizadora missão da sua pátria! (46).

O “fervoroso empenho”, a traduzir um gesto quase épico, de desbravamento e esperança, não é de resto enfatizado. Sente-se correr em seu recesso tênue fio de ceticismo, talvez guardando a idéia segundo a qual a arremetida africana só seria coroada de êxito quando se saneasse o ambiente moral da Metrópole.

E’ que, antes de mais nada, a vida política portugueza estava abalada em seus fundamentos, tal a venalidade dominante, a falta

(44). — Id., pg. 336.

(45). — Id., pg. 430.

(46). — Id., pg. 431.

de caráter, o oportunismo. Com essa verificação, fazia-se de pronto subentendido que a salvação teria de vir de dentro, das profundezas do português continental, e não pela projeção no desconhecido. O diagnóstico do clima político geral finca suas raízes no exame de alguns políticos que são verdadeiros modelos de corrupção. De entre êsses, salienta-se Próspero Fortuna, por suas típicas manifestações de degenerescência moral, “hiperêmico da vontade” que é. De onde, uma vez mais, a análise do patológico particular conduzir à “Patologia Social”, neste caso vista do ângulo político.

Deixamos claro que Abel Botelho partiu de plano rígido, travado com inteligência rigorosa, de onde decorre a “Patologia Social”, que acaba por ser um quadro panorâmico da sociedade burguesa de Lisboa em tôdas as suas manifestações peculiares, confluindo para o exame de sua decadência moral, econômica e social. A cada um desses aspectos fundamentais dedica Abel Botelho um dos romances da série. À crise social, afora o que se pode rastrear no decurso da obra tôda, dedicou integralmente um romance, — *Amanhã* —, que, já pelo título, orienta a compreensão do estudioso no exame desse problema, porquanto o caráter futuritivo das idéias socialistas aí presentes marca bem essa luta desenfreada por um mundo melhor, amanhã, sempre amanhã, desfeita a noção de tempo histórico, em sua esquematização superficializante. Justifica-se pelo fato de o presente vir impregnado de amanhã e de ontem, ponte de passagem que é (47).

Pois *Amanhã* se atém quase que inteiramente ao problema ideológico do Socialismo, e o pouco que parece fugir a essa discussão é, na essência, corroboração de seu caráter polêmico. Nesse caso está o problema amoroso entre Mateus, protagonista da obra, encarnação do socialista convicto, avançado, revolucionário, e Adriana, representante da abastada fidalguia que Mateus pretende pôr abaixo. Servindo de pano de fundo, e pano de fundo um pouco incolor, para entreter o leitor, ou leitora, desejosa de intriga ou mistério na com-

(47). — Para o estudo deste capítulo, valia a pena levar em conta as seguintes obras: Álvaro Ribeiro: *Os Positivistas*, já citada; F. A. de Oliveira Martins: *O Socialismo na Monarquia* — Oliveira Martins e a “Vida Nova”, Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1944; Oliveira Martins: *Portugal e o Socialismo*, 2a. ed., Lisboa, Guimarães & Cia. Ed., 1953; Idem: *Teoria do Socialismo*, Lisboa, Guimarães & Cia. Ed., 1952; Idem: *Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Guimarães & Cia. Ed., 1953; Afonso Costa: *A Igreja e a Questão Social — Análise Crítica da Encíclica Pontifícia — “De Conditione Opificum”* de 15 de maio de 1891, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1895; Luís Gonçalves: *A Evolução do Movimento Operário em Portugal*, Lisboa, Ed. Adolfo de Mendonça e Cia., 1905; M. J. da Silva: *Pequeno Manual do Povo* — no qual se trata de pôr a idéia geral do socialismo ao alcance de todos — Livro dedicado às associações operárias e socialistas de Portugal, Porto, Tipografia Industrial, 1896; S. de Magalhães Lima: *O Socialismo na Europa*, Lisboa, Tip. da Cia. Nacional Ed., 1892 (especialmente Cap. XVI — “O Socialismo em Portugal”, pgs. 333-359).

posição do romance, acaba por servir de contraponto necessário ao desenvolvimento da ação revolucionária de Mateus, além de afirmação de sua coerência ideológica.

O fulcro ideológico em torno de que gira *Amanhã* se estampa logo de início, no “Prefácio”, manifestando o romancista, uma vez mais, sua consciente direção estética e espiritual:

Agita-se aí e ameaçador perpassa o frêmito do mais complexo de todos os problemas sociais, aí bacilam e fermentam os mais trágicamente desoladores aspectos da Miséria. Tema ao mesmo tempo de reflexão e de angústia, de meditação e de piedade (48).

Tais idéias são inteiramente coerentes com o conjunto da obra, inclusive na confessa nota de “meditação e de piedade”, em torno de alguns graves problemas sociais do tempo. Desde logo se entende que a procurada atitude analítica não roubava fôrça ao impulso regenerador que conduzia o romancista a escarpelar a chaga social e, estudando-a segundo critérios clínicos, alcançar sugerir uma solução. Sem que esse pormenor tire a rigidez científica que se deseja conferir ao romance e à análise de seus problemas, muito embora o fato de ser arte já atenua de princípio tal cientificismo — é importante compreender que a adesão meditativa e piedosa expressa pelo romancista está na linha de algumas idéias caras ao tempo. Dentre essas idéias, salienta-se a que depende do caráter moralizador da obra de arte, traduzido na mostragem do erro para que não seja mais cometido (49).

No caso presente, *Amanhã* serve como repositório das idéias orientadoras para saber os males que a sociedade apresenta. Por outro lado, como o quadro dessas idéias é representado pelo Socialismo, a obra tóda circula em torno de problemas colocados por essa ideologia política e social. Dessa forma, as “verdades” apresentadas pelo Socialismo dessa época, como as únicas para salvar o mundo da decadência burguesa, estão presentes na obra, desde a luta de classes até a tentativa de revolução para alcançar pela violência a realização desses ideais de recomposição social. Assim, o núcleo dramático do romance é representado por duas classes sociais que se enfrentam temivelmente: a classe operária e a classe burguesa e fidalga. O proletariado, no caso, é composto de empregados em tecelagem, e a burguesia ou fidalguia industrial, representada pelos proprietários da mesma tecelagem. Assim sendo, Abel Botelho invade o

(48). — *Amanhã*, 3a. ed., Pôrto, Liv. Chardron, 1924, pg. 5.

(49). — Émile Zola, *Le Roman Expérimental*, pg. 24.

mundo limitado de uma fábrica e vai surpreender a luta, surda de início, violenta e sanguinária, ao fim, que se trava entre as duas facções sociais. Para representar a burguesia, o romancista apanha Adriana, filha dos proprietários, e para simbolizar os ideais do operariado, Mateus. Já do encontro passionai entre ambos e o dilema interior em que vive Mateus, solicitado pela crença socialista e o sentimento por Adriana, se estabelece a relação de incompatibilidade entre as duas classes, e, por isso, a necessária luta de conseqüências trágicas. Dir-se-ia que se chegara ao ponto de saturação social, caracterizado pelo acúmulo assombroso de injustiças e humilhações sobre os ombros da plebe, — de forma a só se esperar uma violentação da ordem para instalar um regime nôvo baseado na equidade e no equilíbrio social. Essa é, na essência, a fôrça orientadora de *Amanhã*. A luta de classes impregna o romance de ponta a ponta, e algumas vêzes aflora aos lábios dessa ou daquela personagem, este-reotipada em expressões correntias ao tempo.

Pôsto que está visualizado o núcleo do problema, compreende-se que o desenrolar dos acontecimentos no interior da obra confirmará êsse ponto de partida. De duas formas se aplicará a confirmação concreta dêsse aparato ideológico: pela análise da burguesia e fidalguia, mostrando as razões de seu enfraquecimento e de sua ausentação da realidade, e pela análise do proletariado, mostrando sua luta contra a classe dominante e as condições em que vive. Nada obsta que as duas direções confluem para o mesmo ponto, mas o romancista precisa focar o problema nesses aspectos para lhe tirar as devidas conclusões e conduzir o leitor a aceitá-las como verdadeiras, já que não se desfaz nunca seu caráter polemizante e doutrinário.

Dessarte, a análise do mundo burguês será coerente com a já feita anteriormente, pela evidenciação de seus erros de base, em tórno da família, e de seus valores, mas permitirá o encontro de ângulos novos resultantes da nova situação que se criou no contacto com a classe operária. Assim, no primeiro plano da vida burguesa e fidalga, alinham-se as causas conhecidas de seu desfibramento, como o beatismo e a carolice (50), o apodrecimento biológico (51) e tôdas as formas de hipocrisia e declínio moral. O segundo plano se estabelece no encontro com o proletariado, e aqui sua posição tem de ser igualmente coerente, porquanto acaba por considerar o operário como um ser destituído de qualquer direito ou característica humana, e cuja missão é servir e aumentar o capital — dinheiro da burguesia. Fogem a êsse estreitismo social Jorge e Adriana, moços, irmãos, embora filhos dos proprietários. Não fogem tanto a

(50). — *Amanhã*, pgs. 78-79, 80, 82, 92.

(51). — *Amanhã*, pgs. 280-1, 463, 465, 475, 476, 479, 480.

ponto de se bandear para o outro lado, mas teoricamente aceitam um meio termo no trato com os operários. Abel Botelho há de querer dizer que os mais jovens acabam cedendo à nova ordem, e, quem sabe, a revolução, por isso, poderá ser menos violenta e mais natural em seu desenvolvimento.

Os dois planos, porém, estão bem retratados numa das reuniões em casa do velho Meireles, proprietário da tecelagem, quando se encontram as expressões doentias da classe burguesa e fidalga, o comendador Suplício, o Bernardo Gonzaga, o padre Sebastião, o Marquês de Val e Medeiros. Durante essa reunião, que ocupa todo o terceiro capítulo, em prepositado paralelo com o anterior, que trata das misérias do operariado, Abel Botelho descreve a suntuosidade de uma mansão senhorial e seu luxo geral. E é em pleno sarau que Jorge e o padre Sebastião trocam idéias a respeito dos movimentos operários havidos então. Nesse diálogo está patente em definitivo o que ia no interior da aristocracia, em face da classe operária. Assim, diz o padre:

— Digo que isto de estar a dar que fazer a certa qualidade de gente, o mesmo é que contribuir para a expansão dos seus baixos instintos, engrossar a população do Inferno!

.....

— Eles não merecem nada disso... é tudo uma corja! uma raça a pedir extermínio... mas pronto, formal, completo! Pudesse eu! (52).

E' escusado lembrar o significado dessas palavras, proferidas por um padre, portanto em clara contradição com os princípios cristãos preconizados e defendidos. A intenção do romancista não se esconde, e mostra-se ao vivo, nesse quadro mental do clero e da aristocracia, ligados indissolúvelmente entre si. O padre se imiscuirá na vida da fábrica e será mal visto pelos operários, tal a incompreensão de seus problemas vitais. Jorge, colocado numa linha mediana reveladora de esclarecimento mental, retorna a essa desapiedada análise

(52). — Amanhã, pgs. 101-102.

O anticlericalismo que se revela no modo como Abel Botelho analisa o comportamento do clero diante dos males sociais — além de se justificar pelo próprio pensamento realista — corresponde a uma verificação de fato, embora feita com muito rigor e o seu tanto deformada. Para isso, tenha-se em conta o testemunho de alguns contemporâneos, alheios à Literatura, como, por exemplo, Carneiro de Moura: *A Política Portuguesa*, já citada; Campos Lima: "O Movimento Operário em Portugal", in: "O Instituto", vol. 53, 1906, sobretudo pgs. 273-276 — "Os Católicos".

do proletariado com argumentos de superioridade mental traduzida na idéia de superioridade social. A uma inconsistente, injusta e desumana idéia defendida pelo padre Sebastião:

— Ah, aquilo é gente daninha... São como a víbora: mordem quem os afaga. Livrar dêles! livrar... (53),

responde lúcidamente Jorge:

— Perdão! também eu imaginava isso... (...) — Mas agora, que lido com êles, que os conheço melhor, vejo que não passam de uns pobres diabos... O que êles querem é importância, bom modo... e, acima de tudo, os meios de irem penosamente, atamancando a vida! (54).

Não padece dúvida quanto ao que vai pela classe aristocrática diante dessa reunião festiva em casa do velho Meireles. Por isso mesmo, Adriana e Jorge se sentiram levemente desajustados, sobretudo ela, pela incapacidade de aceitar em definitivo uma das duas soluções que se apresentam a seus olhos. Se assim ocorre nos domínios burgueses e fidalgos, que acontecerá aos arraiais da plebe?

Do lado operário as coisas seguem igualmente dois rumos, marcados pela necessidade que tem o romancista de conferir coerência e unidade à ideologia de ação revolucionária. De fato, é preciso considerar o pensamento político e socialista, a ideologia, que se estampa na personalidade de alguns protagonistas, e a correspondente ação, que corresponderia à sua realização. Num e noutro caso, aumentando consideravelmente a coerência da obra, a figura central é Mateus, encarnação que é das esperanças do proletariado. Além de Mateus, Aires Pinto, de *Próspero Fortuna*, encarna as mesmas idéias de cunho socialista, com a mesma tendência para a utopia. E' o que ocorre no caso presente, pôsto Mateus procurasse realizar pela violência seu ideal anárquico. Aliás, uma personagem de *Amanhã*, Gomes, se incumbe de mostrar êsse caráter utópico (55).

Antes disso, porém, vale a pena rastrear o conjunto de idéias políticas que orienta Aires Pinto e Mateus. Independentemente do ataque às instituições vigentes, consideradas inoperantes, como a Fidalguia, a Monarquia e o Clero, importa ver o lastro ideológico configurado no próprio Socialismo. A síntese dessas idéias, fá-la o próprio Aires Pinto, em *Próspero Fortuna*, num de seus vários momentos de exaltado entusiasmo e ardor revolucionário:

(53). — *Amanhã*, pg. 104.

(54). — *Amanhã*, pg. 104.

(55). — *Amanhã*, pg. 425.

— A organização da sociedade atual, meu amigo, está minada de vícios estruturais, cheia de crueldades de ordem legal e ordem moral, e sobretudo é revoltante pelas suas injustiças econômicas. E' uma sociedade ainda sem liberdade, sem igualdade, e portanto iníqua. E' contudo bem melhor que o passado. Temos que amar nela, acima de tudo, o incessante sôpro renovador, o ardente ímpeto revolucionário que, como numa locomotiva em marcha na sua grande alma coletiva arfa e palpita, e que logicamente há de acabar por destruí-la... fazendo por seu turno sair dela uma sociedade melhor! Mostremos pois bem claramente ao povo que não há, não pode haver, nenhuma espécie de autonomia entre as pretendidas fatalidades históricas e as legítimas aspirações da alma nacional. Preparemos, em suma, *estratègicamente* a renovação, com a ofensiva inteligentemente municida, com uma reserva de claras e sólidas energias. E será êste o libertador momento de compreendermos que, afinal, tôda essa onipotente e temida mole oligárquica, que nos esmaga, não passa dum inofensivo barril de lixo! (56).

Está patente nessas palavras o arcabouço socialista, formado pela consciência da evolução natural dos povos em sua caminhada pela história e a certeza de que nas causas econômicas repousam as grandes injustiças sociais. Como seria ocioso lembrar as várias ocasiões em que Aires Pinto reafirma, no decorrer do romance, sua fé ideológica, assente-se que as idéias aqui postas, verdadeira sùmula doutrinária, conduzem seu espírito e suas palavras até os últimos instantes. E' seu *leit-motiv* perpétuo e dêle não se afasta; antes, a intensidade da violência cresce ponto a ponto, hora a hora, até alcançar o nível de saturação, degenerando em luta armada, considerada necessária para concretizar tais idéias. Nessa altura, Aires Pinto, individualista que é, interrompe sua trajetória e sai de cena, viajando para o Rio de Janeiro, de onde remete seus artigos, agora inflamados do que observava no Brasil, sobretudo do ângulo político (57).

À sùmula apresentada por Aires Pinto, que em *Próspero Fortuna* apenas se mostra em seu aspecto teórico, pelas palavras do mesmo exaltado socialista, Abel Botelho vai dedicar, como está mais do que visto, todo o *Amanhã*. E, neste, escolherá um dos capítulos para servir de profissão de fé do Socialismo. E' o capítulo II, quando se realiza uma reunião clandestina dos operários, tendo à frente

(56). — Próspero Fortuna, pgs. 121-122.

(57). — Próspero Fortuna, pgs. 550-553.

Mateus, que lhes dirige a palavra inflamada, conclamando-os para a revolução, conclamação que serve de estribilho para suas idéias a respeito das iniquidades sociais. Pelo capítulo vão passar, ou melhor, pelo recinto fechado vão reboar as palavras proferidas por Mateus, analisando todos os aspectos da situação. Como seria quase repetir o capítulo todo se rastreássemos os vários itens de seu eloquente discurso, apenas se faz menção do essencial, aquilo que evidencia a onda da sublevação que ali se erguia contra a aristocracia. Assim, diz Mateus:

... Não tolerar da sociedade restrições nem peias, senão aquelas que nós muito livremente quisermos aceitar! Vamos, em suma, pugnar pela nossa alforria moral, pela definitiva abolição dos abusivos limites que o Estado impõe à liberdade de cada um! (58).

E neste mesmo diapasão, através de 33 páginas, Mateus continua arengando, “tocado” pelas idéias socialistas como se evidencia aqui e no seguinte trecho:

E, assim, não há hoje mais nobre, mais instante, mais sagrada missão para o homem, do que lutar por emancipar-se, a si e aos outros, da infame exploração, do odioso jugo do privilégio e do capital... tornar-se cada um para esse fim como que o Cristo de si mesmo... arcar com os poderosos, sofrer, profanar, destruir, morrer... até que consiga tornar o indivíduo livre, completamente livre! em todas as manifestações naturais de sua atividade (59).

E’ importante fixar a referência a Cristo, porquanto, se tem pouco interesse para a compreensão da ideologia propalada por Mateus, — é um dos pormenores mais significativos do seu psicossomatismo, como se verá adiante. Pode-se, contudo, ir adiantando esse tom místico de seu socialismo, resultante, talvez, de sua utopia, ou, talvez, de estar atrás de si uma alma de português e cristão (60). Fixe-se ainda o aspecto econômico, através do privilégio e do capital, que se multiplica graças ao trabalho servil, para aumentar o conforto de uma oligarquia social, enquanto o operário, que lhe serve de elemento motor, só recebe parco salário, que

(58). — *Amanhã*, pg. 49.

(59). — *Amanhã*, pg. 60.

(60). — Ainda é possível ver em seu misticismo de idéias e em seu messianismo de ação muita coisa de socialismo cristão. E’ que o “o socialismo cristão (...) pretende fazer uma conciliação entre os princípios socialistas e os princípios cristãos, chegando a asseverar a existência duma afinidade substancial entre o ideal religioso e o ideal socialista” (Perilla Gomes: *O Socialismo*, Lisboa, Ed. Império, 1939, pgs. 31-32).

não é o que deve ser! porque não vos pagam equitativamente o trabalho. O salário fixo, arbitrário ao sabor dos caprichos e conveniências do patrão, é uma ladroeira! Se o vosso trabalho rende, se a indústria prospera, tendes todo o direito a participar dos lucros. O vosso capital e o dos grandes industriais equivalem-se; não digo bem... vale mais o vosso... porque, se êles adiantam o dinheiro, vós consumis a vida! Que sejam portanto proporcionais, equivalentes, mútuas as vantagens e interesses conferidos a cada um! O lucro líquido tem de ser repartido por todos! por obreiros e patrões, pelos que dirigem e pelos que executam. Mais: a diuturnidade no trabalho, a permanência de colaboração ativa, deve dar o direito de relativa posse, é um legítimo título para alcançar a sociedade na empresa (61).

O texto fala por si, escusando qualquer comentário acêrca de seus intuitos revolucionários e de sua retaguarda filosófica.

Êsse fundo doutrinário alcança a superfície, concretizando-se, ou tentando concretizar-se, de variada forma, no geral pelos meios comuns de revolução e revolta que o anarquismo incendiário do século propiciava e alimentava. Assim, o clima todo de *Amanhã* está marcado pela presença de greves, que se preparam ou que se realizam (62). Se no âmbito da obra não se vai à greve para tentar solucionar os graves problemas oriundos da desigualdade social, a atmosfera está impregnada fortemente de sua presença, visto ser a primeira manifestação concreta das idéias revolucionárias no seio do operariado.

Além da greve, as reuniões secretas, inflamadas, são constantes, sempre visando à preparação do grande momento revolucionário, que há de coroar a luta pela justiça e o direito. Os comícios, por isso, são numerosos, ocupando às vezes capítulos inteiros (63).

Dessas concretizações preparatórias da Revolução, porém, a que mais alcance teve foi a tentativa de instalar em Portugal a Internacional, que no caso seria a quinta. Com efeito, Mateus alcança trazer para Portugal, no último sábado de janeiro de 1895 (64), via Madrid, dois agentes da Internacional, o belga Bazeleerts e seu companheiro italiano. Duas reuniões se realizam, em recintos fechados, a horas mortas, com resultado negativo, em vista de não chegarem a um acôrdo, e de Silvério, um dos pretensos conspiradores,

(61). — *Amanhã*, pg. 70.

(62). — *Amanhã*, pg. 22 — fala-se em greve.

(63). — *Amanhã*, cap. II, pgs. 43-77.

(64). — *Amanhã*, pg. 341.

tê-lo traído, chamando a polícia. Descoberta a traição, os companheiros resolvem fazer justiça pelas próprias mãos, e lincham-no. A descrição da cena, por seu tom trágico e político, é das mais vigorosas páginas deixadas pelo romance português da época (65). Goradas as duas reuniões, regressaram os dois agitadores e a causa parece perigar.

As circunstâncias históricas que anularam as reuniões, soma-se a impressão desagradável deixada no espírito dos dois comissários pela sociedade portuguesa. “Regulados e tranqüilos como bons burgueses” (66), respondem à indagação de Mateus respeitante à idéia que Portugal lhes deu, dizendo que

um povo criado num tão doce e acariciador clima, não poderia ser um povo revolucionário (67).

.....
— porque não encontrava em parte alguma, bem dilacerante, bem autêntica, a nota da servidão e da fome (68).

Duas impressões ficam dessas coconsiderações: o patriotismo paradoxal, subterrâneo, e a sátira do socialismo utópico; de certa forma, à vista do cosmopolitismo e conseqüente anti-bairrismo vigente então, é crível que se trate de crítica ao desenfreado idealismo ausente da realidade e impossível. E’ cabível que aqui se ponha, sem prejuízo de suas idéias anteriores, a sátira ao socialismo sem freios, utópico, e, quem sabe, irrealizável ou antecipado.

Esse tom irônico e sarcástico, presente na análise do socialismo utópico, de resto lembrando Antero, não é excepcional ao longo de *Amanhã*. Muito ao contrário, é freqüente. Atente-se, por exemplo, na intencional ironia evidente nos pormenores da visita dos enviados da Internacional a Portugal:

Depois da canja veio a cabidela e o João fêz espumear nos copos um *Colares* muito sofrível. *Regalados e tranqüilos como bons burgueses, os dois ferozes agitadores iam saboreando*. O italiano ainda era o mais refratário às reles seduções da mesa; porém, de certa altura em diante, quando uma pantagruélica perna de carneiro assado apareceu, o faceiro Bazeleerts positivamente — *a perdu contenance* —, conforme êle mesmo confessou; e com familiar ousadia, por momentos reconciliado com o mundo, *dando na mesa galhofeiros murros, denunciadores da sua*

(65). — *Amanhã*, pgs. 412-415.

(66). — *Amanhã*, pg. 345.

(67). — *Amanhã*, pg. 346.

(68). — *Amanhã*, pg. 347.

interina despreocupação dos graves problemas sociais, perguntava rindo ao dono da casa se era alquimista, e edulcorava em amáveis projeções os olhos para a virago que o servia (69).

O diálogo continua, cada vez mais denunciador da ironia e sá-tira, embora discretamente envolvidas do processo indireto da narrativa, que lhe dilui a força dramática. Observe-se a seguir: Bazeleerts, tendo examinado várias fábricas, estava decepcionado

porque não encontrava em parte alguma, bem dilacerante, bem autêntica, a nota da servidão e da fome.

.....
Comparados com a aparência devastada e feroz, com as trágicas máscaras e a lívida ruína dos mineiros e ferreiros do seu país, êstes portugueses concertadinhos e mansos eram quase felizes (70).

Com efeito somente o socialismo idealista de Mateus é capaz de acreditar que pela violência é possível *modificar* o mundo, como pretendia Marx (71). Seu comportamento acompanhará muito coerentemente essa crença, mergulhando cada vez mais num insustentável individualismo apostolar e místico.

Afora a Internacional, que provoca contínua movimentação durante dias, pelas esperanças de que se cercou a chegada dos emissários espanhóis, a comemoração do dia 1.º de maio, dia do trabalho, é outro indício da atmosfera carregada de revolução que se formou nessa altura.

(69). — Amanhã, pg. 345. O grifo é meu.

(70). — Amanhã, pgs. 347-348.

O tom irônico se fará evidente noutros passos e subentendido no desenrolar do romance. Analisando-o, poder-se-ia encontrar as seguintes explicações: 1a. — a geração do Realismo, ou a fração realista que aceitou o ideário socialista mais de perto, era, ao ver de Abel Botelho, ausente da realidade portuguesa, não só porque não a enxergava devidamente, como aceitava doutrinas utópicas para sanar seus evidentes males; 2a. — o pessimismo decorrente da visão socialista destruiu virtualidades e realidades positivas encontráveis no povo português, — de onde a subjacente crença de Abel Botelho num futuro melhor, sem socialismo, por não corresponder à necessidade dos fatos.

A coerência do romancista se mantém cerrada, mesmo quando parece romper-se, como é o caso da análise biliosa a que submete a fidalguia do tempo. O Amanhã volta e meia penetra no interior das camadas aristocráticas e burguesas a fim de analisar sem dó nem piedade. Vejam-se, por exemplo, as páginas 463 e seguintes. As chagas no organismo nacional, Abel Botelho viu-as, e bem, mas não aceitou a abstração socialista para as sanar. Daí a ironia, o sarcasmo em face do Socialismo.

(71). — Alceu Amoroso Lima, Introdução à Economia Moderna, 2a. ed.; Rio de Janeiro, Liv. Agir, 1956, pg. 188.

Em larga procissão, carregando as fotografias de José Fontana, João de Deus e Antero de Quental, com a proeminência do primeiro, julgado a maior figura do momento operário português pelos componentes da manifestação, saem à rua os operários (72). Embora movimento pacífico, acreditava-se que era uma forma de atuar no público, mostrando às autoridades civis e eclesiásticas sua força e sua certeza de vitória na luta que se traava entre as duas facções.

(72). — *Amanhã*, pgs. 505-513.

A esse respeito, atente-se ao testemunho de Campos Lima, op. cit., pgs. 213-214 e de Luís Gonçalves, op. cit., pgs. 195-196. Do último transcreveremos um trecho largamente expressivo e importante para compreender a posição de Abel Botelho em face do Socialismo e dos socialistas:

O espírito de grupo, como diria Tarde, dos nossos socialistas manifesta-se unicamente nas festas do 1.º de maio que, desde o congresso socialista internacional de 1893, celebrado em Zurich, constituiu uma espécie de Páscoa judaica, se não um carnaval. E' de notar, porém, que mesmo dos operários que tomam parte nessas festas, a maioria nem sabe o que é o socialismo nem qual o significado do 1.º de maio: nem o conteúdo do programa atrás transcrito, nem talvez o saberia ler, e muito menos compreendê-lo. Todavia, ainda este ano, em tôda a parte, nas vilas mais escusas, foi celebrado pelos operários o 1.º de maio — um pretexto para a folia e para se gastar umas férias — que poderiam ser melhor aproveitadas, — em carros, flôres, bandeirolas e vinho; movimento inconsciente, realizado por mera imitação dos socialistas estrangeiros!

Assim é que o 1.º de maio que, segundo o sr. Magalhães Lima, e nos termos do deliberado nos congressos de Bruxelas e Zurich, devia significar “uma afirmação e um protesto: afirmação de direito e de justiça contra os privilégios e os preconceitos do mundo, e protesto da humanidade trabalhadora contra o despotismo e a servidão social”, representa hoje apenas “uma afirmação de pândega e um protesto de repetir a mesma pândega no ano imediato”, manifestação justamente posta a ridículo pelos escritores anti-socialistas e até pelos próprios operários.

A descrição do 1.º de maio que está em *Amanhã*, corresponde muito ao testemunho de Luís Gonçalves, sobretudo o clima de inconsciência, revelada pelo tom carnavalesco assumido pela passeata operária. Ainda valia a pena reforçar o testemunho de Luís Gonçalves transcrevendo outro trecho, bastante elucidativo e flagrante:

Manifesta-se hoje a mesma vesânia que se notava nos fins do século 18, em que era moda ser-se livre-pensador, liberal, e até os nobres e príncipes, sem nunca desistirem dos seus privilégios, e nem deixarem de freqüentar devotamente a igreja e os sacramentos, professavam as novas idéias e protegiam os filósofos enciclopedistas. Hoje a mania de se salientar, o snobismo, deu nisto: ser socialista ou anarquista; e assoprar em discursos e panfletos o espírito de revolta e inveja que fermenta em todos os que se dóem e sofrem com as inevitáveis desigualdades sociais, a fim de obstar aplausos, popularidade e manifestações de simpatia com banquetes públicos etc., etc.

Bem diz por isso o Sr. Dr. Afonso Costa, esclarecido lente da Universidade e brilhante orador: que é pequeno o valor do socialismo português e de reduzida importância a sua ação social (op. cit., pg. 99).

Todos êsses acontecimentos se conjuram para levar Mateus a sentir próximo o momento da violência, necessária a fim de pôr abaixo as instituições e o regime monárquico. A revolução, dessarte, deve coroar um conjunto de preparativos. Efetivamente, reunidas tôdas as forças materiais e morais, é planejado minuciosamente o movimento; cresce a onda de sublevação. Pressentindo-o, o clero reúne-se para deliberar a respeito da situação (73), e mais uma vez o anticlericalismo e o anti-monarquismo se fazem presentes na “Patologia Social”. Nada impede, contudo, o avanço da anarquia. No momento aprazado, a cidade se enche de operários, prontos para a ação demolidora, que se realizará à noite. Tudo preparado, era fácil prever, ou desejar, o êxito da revolução. Em contrário, falha integralmente, porquanto Abel Botelho tinha de ser coerente com os fatos, e, mesmo, com a obra que escrevia. Uma coisa e outra levaram-no a desfazer o andamento quase fatal dos episódios, conduzindo a um desenlace que seria a realização da utopia, sonho de um mundo mais equânime depois da violência. Para alcançar tal coerência, dentro da obra, Abel Botelho lança mão do recurso passional, fazendo Adriana dirigir-se a Mateus a fim de o dissuadir, pelo afeto, de seus intentos revolucionários. Em plena noite da revolta, vai à casa de Mateus, e consegue afastá-lo do movimento que ia pela cidade. Debelada a crise, como era preciso, para manter a coerência com os acontecimentos do tempo e o próprio caráter da personagem principal. Adriana afasta-se, satisfeita do êxito obtido. Ato contínuo, Mateus suicida-se, explodindo a carga de pólvora preparada para o grande momento da revolução (74). Tão sinistro desfêcho é ainda fortemente coerente com o conjunto da obra, embora sensivelmente artificial.

(73). — **Amanhã**, cap. 21.

A presença do clero, freqüente em tôda a vida mental do século XIX, ainda aqui se faz sentir. Para tanto, tenha-se em mente, por exemplo, Campos Lima, op. cit., pgs. 273-276.

(74). — **Amanhã**, cap. 22.

A solução do drama de Mateus pelo suicídio, além de coincidir com o fim de Antero, repousa na aguda verificação da onda de desagregação que tomava Portugal de lés a lés. O suicídio era a evidência mais acabada dêsse estado de coisas. Não só pessoas de baixo nível, reduzidas à extrema miséria física e moral, mas igualmente pessoas da aristocracia mental da época, recorreram a êsse desesperado meio a fim de dar cabo de problemas pessoais, não raro a refletir uma atmosfera geral de instabilidade e depressão.

Na mesma altura em que Antero (1892) e Camilo (1890) se suicidaram, outras figuras de projeção seguiram o mesmo rumo, como é o caso, apenas para exemplificar, de Soares dos Reis e o de Júlio César Machado, arrastando igualmente ao suicídio sua mulher por causa de idêntico gesto de seu filho. A tal ponto subiu alto a maré de suicídios que os jornais estampavam diariamente notícia de um ou mais casos novos, o que os obrigou a realizar uma campanha de silêncio, para evitar que a pormenorização do noticiário pudesse exercer maior influência sobre o ânimo já abalado dos leitores (1895).

Eis a ossatura da luta de classes que se descreve em *Amanhã*. Em todos os acontecimentos, como se percebe, está Mateus. Figura impressionante pelo total de sua personalidade, por seu iluminismo, por seu idealismo de eleito, já denota no nome bíblico, propositadamente, algumas das marcas de seu caráter, que faziam dêle o guia desde as primeiras horas, respeitado pelo proletariado e temido pela fidalguia.

Por isso mesmo, valia a pena deter a atenção num breve esboço de sua figura; sem o quê, não se compreenderá o cerne da obra, e quem sabe, o pensamento central que orienta Abel Botelho ao fazer de Mateus o protagonista de um romance como *Amanhã*.

Desde sua descrição biotipológica se afirma como tipo talhado para grandes emprêsas que exigem o privilégio de herança bem constituída servindo de base ao império inflexível da vontade, conduzindo para idealizações impossíveis ou sonhos de ações superiores:

— À primeira vista, encantava . . . Tinha o ar, a um tempo, humilde e dominador, imperioso e tímido. O seu longo perfil semita, enèrgicamente vincado da coroa do frontal ao mento acusava a tenacidade, dava bem eloqüente o síndrome desta forma absorvente do querer, capaz ela só de arrastar às extremas soluções, no paroxismo dum sentimento ou no afêro a uma idéia. Cabelo castanho, olhos negros, e na base das narinas fumegantes a branda carícia dum bigode algodoado e fino, imperceptível quase. Atrigada e sem brilho, tinha a sua pele essa inalterável côr de marfim velho, que nos países do sol caracteriza os temperamentos fortes. A regularidade de linhas do rosto, a expressão ingênua e simples, o gesto comedido, reбуçavam de concêrto o fogo agitador, a um exame superficial mostravam Mateus como sendo a mais pacífica e angelical das criaturas; mas o que quer que era de voluntarioso e arrogante chispava a espaços nos seus olhos, e imperceptíveis carfologias de impaciência corroíam-lhe de relance nos dedos trêmulos. Aquela mesma docilidade aparente não era senão o meio, tão suave como eficaz, de êle sòlidamente cimentar a sua vontade à custa do mínimo atrito sôbre a vontade alheia (75).

Veja-se, quanto a isso, Teixeira Bastos, "O Suicídio sob o ponto de vista social e moral", in: "Revista de Estudos Livres", II vol., Lisboa. 1884-1885, pgs. 53-64; "O Repórter", Lisboa, 19-7-1893: "A Questão dos Suicídios" (Editorial).

(75). — *Amanhã*, pg. 45.

A páginas 194-196 vem demorada análise de Mateus, indicando sua herança, de conformidade com êsse retrato breve do seu psicossomatismo.

No interior de uma criatura assim, agitam-se as idéias em prol do Socialismo. Coerente a mais não ser, impressionado pela Rússia e por tudo que lhe dizia respeito (76), cercado de escolhida embora breve biblioteca de assuntos socialistas, tendo na parede litografia de Pedro Kropotkine e José Fontana (77), inflama-se pela missão a que se entregou de corpo e alma, conduzindo-se por teorias altamente extremistas e anárquicas (78). Tôda a sua trajetória vital será a estreita realização dêsses ideais de fraternidade humana, mas levou a tal ponto seu socialismo utópico, seu messianismo, que acabou por adquirir foros de místico, o que deveria ser tão-somente ação emancipadora dos “humilhados e ofendidos”. Nisso, é claro, vai forte coerência com a obra tôda e o próprio socialismo em Portugal, pelo menos através de uma grande figura, Antero de Quental. Numa altura em que a ausência de metafísica já era lugar-comum através do Positivismo de Comte (para não falar da abolição da religião dentro do espírito materialista que ia invadindo algumas formas de socialismo dessa época), é digno de nota êsse messianismo político de Mateus, pois

a função primordial do proletariado, segundo o socialismo integral, é eliminar definitivamente a religião e a moral religiosa, rompendo de uma vez por tôdas com tôda espécie de tradicionalismo (79).

E' que

O homem, no socialismo marxista, chega à plenitude da libertação de todos os valores morais e religiosos, de toda perspectiva tradicional e de toda a projeção sobrenatural (80).

Se por vêzes parece contraditório o misticismo que orienta os passos de Mateus, identifica-se perfeitamente com sua utopia futura. Mateus prega um mundo melhor para todos, dentro de absoluta igualdade social, mas suas idéias são mais de um espiritualista, de um apóstolo de verdades cristãs, que pròpriamente de materialista, convicto de que a base de toda desigualdade social repousa em antinomias econômicas. De onde a presença constante, em seu espírito e em suas palavras, de Deus, de Cristo e do amor humano realizado à sua luz. Mesmo o amor à mulher, Mateus abole-o de suas cogitações pelo amor mais elevado das criaturas que sofrem.

(76). — Amanhã, pgs. 191-192, 204-205.

(77). — Amanhã, pg. 190.

(78). — Amanhã, pgs. 47-77.

(79). — Alceu Amoroso Lima, op. cit., pg. 180.

(80). — Alceu Amoroso Lima, op. cit., pg. 181.

Sendo notas repetidas, bastava citar duas breves passagens para alcançar êsse pormenor:

(...) reputava-se sinceramente investido duma grande missão providencial, tinha de ser, queria ser, no seu país, e no seu *meio*, o supremo evangelizador do Bem, o messiânico redentor dos fracos e oprimidos (81).

.....
— Amar como Jesus amou... Por forma que o amor seja não só um esteniante prazer para nós, mas para os outros uma fonte perene de felicidade, um bem, um estímulo! Pudesse eu! (82).

Êsse visionarismo místico faz dêle um verdadeiro iluminado, um quimérico, que tem sempre Deus em espírito, e aproxima-o muito de Antero de Quental, mais de uma vez lembrado ao longo de *Amanhã*. Entre ambos há impressionante semelhança, desde o retrato físico até a sinceridade de idéias, e a ânsia de se realizar integralmente como homem e pensador, incluindo-se seu suicídio, como corolário de uma trajetória de incertezas calcada no desejo de fazer algo de superior pelo próximo. Ambos terrivelmente coerentes, até a morte, mesmo nessa presença constante de Deus, se bem que em Mateus é um estímulo e apoio, enquanto para Antero é um bem perdido pelo sentimento, que a Razão mal alcança vislumbrar. Ambos, porém, martirizados por seu deísmo dilacerante, que se faz presente em todos os atos e pensamentos. Onde, porém, é mais flagrante e mais significativo, para as considerações que aqui se fazem, o paralelo entre as duas personalidades, é no socialismo místico de um e de outro (83). Pelo que se sabe da torturante desilusão de Antero no realizar tão altos ideais humanitários, tangido por um Cristianismo de ação e de idéia, que permitiu a Eça de Queirós chamá-lo de “Santo Antero”, e pelo esbôço da figura de Mateus, parece clara a coincidência.

(81). — *Amanhã*, pg. 213.

(82). — *Amanhã*, pg. 333. Vejam-se ainda, como exemplo, as páginas 491, 494, 496. Segundo uma corrente de opinião,

“(...) em lugar de reivindicações de ordem econômica, o proletariado busca com a luta de classes, de preferência obter no campo do trabalho um tratamento compatível com a sua dignidade de homem. Esta corrente confere à luta de classes um sentido místico, que encontra sua mais veemente expressão na teoria do sindicalismo revolucionário” (Perillo Gomes, op. cit., pgs. 121-122).

(83). — Quanto ao socialismo místico de Antero de Quental, veja-se José Bruno Carreiro, Antero de Quental — Subsídios para a sua Biografia, 2 vols., Lisboa, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1948, vol. I, pgs. 322-359, especialmente pgs. 327-328, “A Ideologia Socialista”.

Tal coincidência leva-nos a levantar uma hipótese, sòmente permissível à vista dessa semelhança entre ambos, segundo a qual Abel Botelho não precisou ir longe para encontrar o modelo de seu herói. Com efeito, embora se aparentasse com os socialistas messiânicos, aparecidos em tôda parte, é bastante evidente que Antero deixou marcas de sua passagem na atmosfera do tempo. E' bem possível que sua morte, impressionando a todos, acabaria por impressionar de muito a Abel Botelho. Acresça-se ainda o fato de seu suicídio ter-se dado em 1892, e o *Amanhã* ter sido escrito entre 1895 e 1896. Sem exagerar a concomitância histórica, e levando em conta o recheio da obra, parece válido admitir que Abel Botelho tinha em mente Antero de Quental ao escrever *Amanhã*.

E' possível admitir que Abel Botelho visse em Antero um espírito fadado a levar longe a aceitação do ideário socialista, tal a sua angustiosa ânsia de coerência entre as idéias e os atos. Mateus, nesse pormenor inclusive, aproxima-se muito dêle. Portanto, podia-se crer em qualquer coisa como reconhecimento do valor de Antero, pelo menos na medida em que era dotado da ortodoxa preocupação de conferir à vida individual um destino superior, pela projeção nos outros sêres, sobretudo os rejeitados pela sorte. Mateus sonhava as mesmas grandezas, utòpicamente.

Afora isso, — e mantendo ainda a identificação —, percebe-se a ironia latente e não raro expressa, porquanto Mateus (ou Antero) era um visionário, a lutar por uma causa perdida, ou precoce, graças à falta de condições propiciadoras. O momento exigia um trabalho de derrubada dos mitos desfibrantes e o erguimento de uma sociedade nova pela consciencialização de novos valores lentamente explorados e assimilados. À fôrça, das armas ou da oratória, nada se conseguiria. Utópica ausentação da realidade, que leva Abel Botelho a uma franca atitude de ironia zombeteira em concordância com sua azêda crítica do grupo dos “Vencidos da Vida”, e simbolizada na forma grotesca e dramática com que faz Mateus suicidar-se:

Vivamente assustada, Adriana recuou um passo, com os joelhos trêmulos, pondo as mãos erguidas. Mas no mesmo instante um grosso projétil, despedido do exterior com violência, veio rolar-lhe aos pés... Ela baixou-se, e viu que era a despegada cabeça de Mateus, numa pasta informe, fitando nela amargamente os olhos gelatinosos... (84).

Mateus suicidara-se ateando fogo ao paiol de pólvora preparado para a revolução que iria deflagrar naquele dia, e da qual era o chefe.

Com êsse epílogo, culminando a carreira idealista de Mateus, tem-se ainda uma vez a confirmação da atitude satírica de Abel Botelho relativamente ao socialismo utópico.

Sátira sem fel, feita de descrença nas fórmulas que o Socialismo defendia como capazes de regenerar Portugal e debelar a angustiante crise geral de valores.

E' que, na essência, a todos faltava equilíbrio entre as idéias e as ações, sobretudo à figura que encarna o operariado em sua revolta contra as oligarquias do tempo: Mateus. Altamente dotado de vida mental, com facilidade caía numa espécie de "delírio de grandeza", que o fazia entusiasmar-se em exagêro com as próprias idéias, e daí perder o senso das proporções. Cerebralismo extremista, próprio de um degenerado superior, que é, através de sua personalidade realmente impressionante, Abel Botelho analisa o desvio do "pensamento" e diagnostica seus resultados negativos. Em consequência, à crise geral de valores, de moral, especialmente, soma-se a anarquia provocada por um homem talhado para altas emprêsas, mas que a hipertrofia mental levou à ausentação da realidade, traduzida na luta de entusiasmo cego contra as injustiças sociais. Consoante seus dons naturais, desejou subir, santificar-se pela causa dos trabalhadores, mas só alcançou um trágico fim, tão prêso era de suas doências cerebrações. Ainda uma vez o patológico mental do indivíduo serve de dado importante na evidenciação da "Patologia Social".

5 — *Marginais e Degenerados*

Está visto que o quadro social e histórico apresentado por Abel Botelho na “Patologia Social”, por suas intenções documentais e experimentalistas, é um quadro de torpezas e pequenezas humanas. Tôdas as figuras que desfilam diante de nós, salvo raras exceções, que até servem de contraste amplificador, são caracteres em deliquescência, desde o mais fidalgo dos fidalgos até o mais anônimo dos sêres. Oscilando entre êsses dois pólos, movimenta-se uma breve mas impressionante feira de vaidades e fraquezas de tôda espécie, uma “comédia humana” urbana, é claro, se bem marcada por qualquer nota altamente provinciana, no sentido de rasteira e pobre de grandes dramas.

Essa “comédia humana”, que gira tôda ela em tórno do desaparecimento de alguns valores, como a honra e o brio moral, substituídos pelo vício galante que assim se transforma paradoxalmente em virtude, começa por apresentar, como vimos, o desgaste da fidalguia, justamente a classe tradicional calcada no excessivo culto de glórias perdidas e jamais alcançadas (85). Fidalgos que são, vivem à lembrança dessas tradições de sangue e altivez, desajustam-se da realidade presente, e tal desajustamento provoca o despontar de velhas taras que ligações ignóbeis de seus antepassados foram a pouco e pouco acumulando.

(85). — Quanto a êsse problema, valia a pena ler José de Pereira Sampaio (Bruno): *A Geração Nova (Ensaio Crítico)* — Os Novelistas, Porto, Magalhães e Moniz Ed., 1886, especialmente pgs. 230-233. Ainda era de fundamental importância a leitura de alguns capítulos da célebre obra de Max Nordau: *Dégénérescence*, (tr. fr., 2 vols., Paris, Félix Alcan Ed., 1894), não só por seu valor intrínseco, embora esteja superada pelos ulteriores achados científicos, mas também pelo que revela da época. O diagnóstico que apresenta do chamado mal de “fim de século”, além de ser flagrante em relação à França, pois a êsse país se dirige especialmente, — vale muito e muito para Portugal. O quadro da então “degenerescência” geral applica-se ao caso português, e, dentro dêste, à “Patologia Social”. Assim, as idéas de Nordau, já pela influência que exerceram, já pelo arguto testemunho dos males sociais e literários do tempo, são importantes para compreender êste capítulo, “Marginais e Degenerados”, destacadamente, e os anteriores. Nesse sentido, tôda a obra tem vivo interesse para o conhecimento da vida literária européia nos últimos anos do século XIX. Entretanto, apresentam importância específica, para os problemas do Naturalismo, os capítulos introdutórios do vol. I e o *Livre Quatrième* — “Le Réalisme” —, dividido em I. “Zola et son école” e II. “Les pasticheurs” jeunes-allemands” (pgs. 409-520 do vol. II).

Dessa forma, ao longo de tôda a “Patologia Social”, e mesmo nas outras obras fora do ciclo, passeiam vários representantes da velha e carcomida nobreza de sangue, arrastando suas debilidades pelos salões e alcovas de Lisboa, encobrindo-as tôdas sob o manto da hipocrisia e a falsidade, tornada lugar-comum numa sociedade em declínio. Jungidos a tradições, e, paralelamente, à debilidade de sangue, tradições essas as mais das vêzes julgadas por êles dignas e superiores, não alcançam ajustar-se a um mundo que gira em redor do dinheiro, como o capitalista. O atrito natural, necessário à substituição do tipo humano que se cria à luz da nova visão das coisas, obriga-o a retrair-se e a marginalizar-se no organismo social em transformação. Fracos para fazer face ao nôvo regime econômico, fracos para resistir às solicitações das taras hereditárias, tornam-se ausentes do mesmo mundo que lhes propicia a existência e que ainda lhes tolera a peralvilha arrogância. A seleção natural vai-se impondo e expelindo aos poucos do conspecto social êsses desajustados, reduzindo-os à sua verdadeira dimensão, resultante de suas condições psicofisiológicas. Assim, o fidalgo é um arruinado, um degenerado sem cura ou perdão. O Barão de Lavos será, como foi visto, nesse pormenor, um verdadeiro símbolo. Em sua esteira caminha uma legião de outros fidalgos, do mesmo estôfo e da mesma debilidade. A “Patologia Social”, pelo intuito fundamental, volta e meia apresenta-nos um ou mais pseudo-nobres sem máscara, em sua flagrante e inexorável ruína. E’ escusado multiplicar outros exemplos, já por evidente o que se está apontando, já pelo fato de as considerações anteriores terem incidido aqui e ali neste aspecto.

Entretanto, não é só o fidalgo que importa analisar como documento social da crise que se estuda na “Patologia Social”. Além do fidalgo e do burguês, decompostos, vale, e vale muito, o estudo dos marginais e degenerados anônimos, justamente aquêles que parecem injustiçados, os “humilhados e ofendidos”, ou, antes de o ser, os viciados humildes, contaminados pela vida de corrupção que vem de cima, como sempre, da fidalguia. Figuras apagadas, rastejantes, pequenos lázaros impenitentes, interessam muito do ângulo estético e ideológico, não só por corroborarem as impressões deixadas pela fidalguia, mas por permitir abrir novas rotas de compreensão para a literatura dos fins do século XIX.

E’ que, vendo a questão de modo genérico, o marginal, o degenerado, interessa vivamente a Abel Botelho. Das razões dêsse interesse, uma — a procura de uma obra de arte calcada nas ciências, sobretudo aquelas que propiciassem a análise psicossomática das personagens, como a Medicina — de pronto dilui qualquer dúvida e justifica a predileção pelo patológico.

Na “Patologia Social”, os marginais estão presentes constantemente, servindo de pano de fundo e de elemento contrastador. Desde *O Barão de Lavos* até *Próspero Fortuna* e mesmo nos demais romances fora da série, é freqüente sua presença. Homens e mulheres, desfiados, corroídos, contracenando às vezes com jovens puros de ambos os sexos, como o Horácio de *O Barão de Lavos*, Susana, de *Fatal Dilema*, Lúcia, de *Sem Remédio* . . . Êsses marginais, porém, são em maior número.

Incluindo Eugênio, de *O Barão de Lavos*, a característica fundamental de sua marginalidade está precisamente em serem criaturas hiper-sensuais, eróticas, vivendo os problemas do sexo de forma patológica, porque são doentes em essência, doentes dos sentidos, dos nervos e das glândulas. Assim, sua tara se restringe a quase um só setor, que apresenta várias expressões e tipos diferentes, conforme o sexo, condição social e estado da moléstia. Personagens doentes, pertencem a um vasto hospital aberto, que é a própria sociedade que se acotela nas ruas, em promiscuidade infamante, transmitindo, pelo contágio contínuo, suas mazelas a tôdas as camadas sociais. Ninguém escapa da contaminação degradante. Nesse vasto hospital desfilam as várias figuras grotescas, patológicas, hoffmanianas que a corrupção social diariamente constrói. Um exemplo apenas é suficiente como mostra dessa preocupação por mostrar o lado degenerado da sociedade:

No encardido terreno dum pequeno quintal, defronte, vedado por alta grade de madeira, podrida caindo a trechos, deslocava-se em desencabrestadas correrias, pinchando, uivando, um exótico vulto de microcéfalo, rapaz dos seus vinte anos, desaprumado e grotesco, estiolada a face, a pequenina cabeça piramidal, e miseramente marcado todo o arcaboço dos atrofícos estigmas dum degenerado (86).

Sem serem exatamente idênticos a êsse espectro abortivo, os demais retratos se assemelham muito na preocupação evidente de mostrar produtos anormais, patológicos. A coerência, pressuposta como fim necessário, obrigava Abel Botelho a fazer corresponder o aspecto físico degenerado a um comportamento anormal, insano. Assim, em *Amanhã*, o pano de fundo operário é formado de homens e mulheres doentes, esqueléticos, subnutridos, a fim de dar fôrça às preocupações revolucionárias que orientam a obra (87). A mesma coerência orienta a descrição de certas figuras nos outros romances, como em

(86). — *Amanhã*, pg. 157.

(87). — *Amanhã*, pgs. 141, 145, 157, 226-227. Nessas páginas se encontram outras mostras do panorama de “humilhados e ofendidos” que se abre diante de nós na “Patologia Social”.

O Barão de Lavos, já visto, e em *Fatal Dilema*, onde se salienta Albaninho, contracenando, levado por sua sincera e convicta podridão moral e física, com o quadro de torpezas de uma família fidalga. Seu tipo não foge aos pormenores acima apontados por Abel Botelho, se bem que, como personagem, tenha forte importância no desenrolar dos acontecimentos, não só como contemplador, mas como atuante. Ao lado de sua presença dramática, eixo até de algumas ocorrências, Albaninho consegue real importância pelo seu sofrimento íntimo e a surda consciência de seu triste e doloroso fim. Anônimo, silencioso quase sempre, inúmeras vezes calcava sua violenta dor física provocada por chagas horríveis na perna — efeito natural de seus males sanguíneos — a fim de dar a Susana impressão melhor. Sua podridão sem remédio, inexorável, não impediu fôsse um como que mártir, pelas doenças que carregava e em face da injúria e incompreensão de alguns. A descrição de sua figura, já feita anteriormente, denota de pronto sua trajetória de infâmia e até de espiritualizante e paradoxal hipocrisia ou pudor de revelar em público suas misérias, e ainda por fazê-lo tão-somente em clima de confidência muito íntima. Ao longo da obra, seu papel é deveras saliente, pelas vezes em que aparece e o como aparece.

Em seu redor, e até em relação direta com Albaninho, circulam as outras figuras de um mundo de cêra subterrâneo e aniquilado. Conceição, sua amante, tem uma história sempre igual à de outras de sua espécie, e esconde, atrás de falsa ingenuidade embaidora, cálculo e perfídia expressos no desejo de explorar o próximo até onde fôr possível, como a se vingar, no monstro coletivo, a sociedade, do mal, ou pretenso mal, recebido de um só. O lupanar, que aqui está presente, comporta ainda Pilar, Consuelo, D. Romana, tipos característicos, formando com Albaninho o *outro mundo*, o outro lado da vida, inacessível aos puros, desprezado pelos de outras camadas, precisamente por aqueles que, a horas mortas, ali se reúnem para satisfazer apetências e baixeiras inconfessáveis. Nesse pormenor vai, por tabela, outra aguda crítica à hipocrisia social urbana (88).

Há como que um contrato tácito, um círculo vicioso perfeito, entre o mundo subterrâneo dos desclassificados e o mundo dos socialmente superiores, contrato êsse que obriga cada qual das partes a representar seu papel sem qualquer confissão maior, já que ambos se mantêm graças a êsse sêgrêdo inviolável, mas conhecido de todos, e por todos respeitado e incentivado. Na “farsa” humana e coletiva que aqui se revela, há qualquer coisa de desprezo pelo homem, pela Humanidade, que assim se conduz, num pessimismo à

(88). — Lembre-se do papel representado pelo lupanar na vida política do tempo, cuja análise se fez na altura apropriada.

Schopenhauer, para não destruir a idéia de que, num mundo melhor, a situação será completamente outra. O encontro de duas atitudes sociais perante o mundo revela que, na essência, as criaturas são tôdas iguais, tangidas pelas mesmas fraquezas, não obstante as diferenças exteriores. Uns poucos se salvam, e por êsses é preciso pautar o mundo de amanhã. Uma vez mais, o patológico, o anormal, serve de base para a moralização da sociedade. O lado negativo conduz à compreensão de seu oposto, e com isso está satisfeito o objetivo doutrinário e reformador da obra de arte, como pretendia Abel Btelho.

A atmosfera de *bas-fond* ainda vai aparecer em *Próspero Fortuna*, com todo o bando, já apontado, de Ivones, Ramonas e Mercedes, sugando políticos venais e corruptos. Além dêsses e da própria Maria Luísa, espôsa de Próspero Fortuna:

(...) uma criaturinha pequena e redonda, de farto cabelo castanho e uma vacuidade desesperante de expressão na inconsistência taful dos olhos garços (89), vulgar e frágil, como a obra cabalmente demonstra e o retrato acima feito sintetiza, — não faltam tipos asquerosos, inclusive o secretário do ministro, aleijão de homem e espécime hospitalar (90), índice claro do que ia pelo mundo da política.

Ao longo da “Patologia Social” é isso que se tem. Do ciclo todo, porém, Abel Botelho escolheu, como fêz para outros aspectos a discutir, um romance, a fim de torná-lo símbolo desse marginalismo social. Trata-se de *O Livro de Alda*; é a fiel reprodução da vida meretrícia vivida por sua protagonista principal, que dá nome ao romance.

Alda, em sua trajetória de inconsciência pecaminosa, reúne em si todos os males anteriormente apontados, males de que padece a sociedade burguesa do fim do século XIX. Mais ainda, nela confluem tôdas as linhas, subterrâneas ou não, que justificam a decadência das instituições e o anseio de reforma social de base. Essa vida desregrada encontra na própria sociedade justificativa e amparo, visto que, como se referiu mais atrás, a alta camada social necessita das Aldas para, clandestinamente, desafogar solicitações de baixa natureza:

— E’ talvez, na sua forma desgorjada e ímpia um repto sincero vibrado à hipocrisia da moderna sociedade, um desafio honesto ao cínico rebuço da chamada opinião pública, à moralidade convencional das multidões, à super-

(89). — *Próspero Fortuna*, pg. 7.

(90). — *Próspero Fortuna*, pg. 236.

nal velhacaria com que os homens, em comum, repudiam e condenam a prática de prazeres, que cada um depois vai secreta e àvidamente deglutir no recato mórno das alcovas... (91).

Mais do que isso, porém, é importante observar que entre as Aldas e a sociedade há forte e constante elo de causalidade, de forma que uma e outra se completam e se justificam. Por isso mesmo, volta e meia Abel Botelho suspende a descrição ou a narração para refletir a seu respeito. E mais de uma vez lhe salta da pena o seguinte:

E, assim, ela era bem o produto aberrativo e mórbido deste fim de século destemperado e egoísta, em que a contumácia no prazer produz toda essa descerebrada legião de ninfomânicas, e a hipertrofia cerebral origina os homens com aparência de fetos (92).

Como não podia deixar de ser, as cenas de lupanar são contínuas, refletindo uma atmosfera de que Alda é a mais eloquente representante. Seu procedimento, pois, não constitui novidade quando julgado em relação a seu caráter. Seu modo de ser é coerente com a figura que representa. Há, porém, em sua vida um que outro por menor digno de nota, sempre relativo à religião. De um lado, Alda é filha de padre (93), o que patenteia outra vez o anticlericalismo da "Patologia Social". De outro, importante para a análise do sentimento religioso católico e suas contradições flagrantes em certas pessoas, e para o conhecimento psicológico da decaída, Alda se revela altamente beata e supersticiosa (94). Falsa e mentirosa por condição de herança, de educação e das circunstâncias, conjunto êsse de causas que a levou àquela situação canalha, Alda tem sua trajetória de erros definitivamente traçada, e dela não se afastará até o derradeiro minuto em que a consciência lhe der certeza da mocidade gasta e irrecuperável, ou a morte vier libertá-la de opróbio maior.

(91). — Livro de Alda, pg. 8.

(92). — Livro de Alda, pg. 37.
Outras reflexões podem ser lidas a páginas 160, 250 e ss., 303.

(93). — Livro de Alda, pgs. 163-164.

(94). — Livro de Alda, pgs. 52-63.

Essas duas páginas são importantíssimas como ilustração das considerações que aqui se fazem, sobretudo pela aparente contradição entre a personagem e seus atos, porquanto Alda está em profunda oração de penitência, num de seus vários momentos de luxúria. Outras páginas semelhantes podem ser apresentadas: 241-242, importantes por revelarem o lado supersticioso de Alda: 258-262: Mário oferece a Alda um oratório que lhe causa viva e aparente alegria de inocente.

Antes, porém, que Alda chegue ao fim de sua torpe caminhada, há de contagiar mais de um indivíduo com sua desfibrada e arruinada sedução. Mário é típico símbolo dêsse contágio amolecedor. Sua história é simples e vulgar: dotado de vontade oscilante, indeciso, e só equilibrado por faltar oportunidade para que sua abulia se manifeste, é um môleço de vida assente, de casamento marcado com uma jovem que é a própria pureza interior, Branca. Em pleno carnaval, surge-lhe o elemento catalizador, na figura de Alda, e todo o seu aparente equilíbrio moral vem abaixo, impotente a vontade diante das forças solicitadoras a enfrentar. Vulneralizado no ponto fraco, Mário cede, e, através de delongas e torpezas injustificáveis, vai adiando o casamento com Branca até não realizá-lo, ao mesmo tempo que recrudescem os encontros com Alda, a ponto de abandonar tudo o mais por ela. Sua paixão física, porque tão-somente razões eróticas conduziam seus passos, como confessa em carta a um amigo (a obra está escrita em cartas), dominam-no de tal forma que o obrigam a atitudes até então inesperadas em homem julgado honesto e trabalhador. Branca compreende tudo e morre ao final, depois de presenciar a morte do pai em condições de tragédia e desgosto atroz. Quanto mais Mário se apegue, mais Alda se desvencilha, revelando lentamente seu ignóbil caráter e seus desígnios malévolos. Mário degrada-se vertiginosamente, chegando ao último degrau da espécie humana, até que pretende pôr fim à vida, quando é impedido pelo amigo destinatário de suas cartas. Vulgar uma coisa e outra — a história de Alda e de Mário —, vulgar a situação e o desenlace, funcionando a mulher mais ou menos como a cidade grande que engolfa definitivamente o incauto provinciano que a quer tomar de assalto. Mário é outro dos tantos marginais que pululam numa cidade grande, levando dentro de si, em anonimato, grandes perturbações de espírito e dramas intensos até a tragédia.

Ao lado de Mário, Securas, outro Albaninho, deixa-se arrastar pela podridão física e moral, numa incoercível decomposição geral, morrendo aos pedaços, corroído pelas doenças do sexo (95). Securas ainda tenta tirar Mário do caminho em que estava:

O que eu quero simplesmente, visto que atravessas uma crise patológica semelhante àquela de cuja cronicidade derivou esta miserável ruína da minha vida, o que eu quero é dar-te uma lição, abrir-te os olhos... (96).

Curiosa a personalidade de Securas, pelo que manifesta de honestidade e lealdade para com o amigo, ao mesmo tempo que não

(95). — Livro de Alda, pgs. 138-148, 306-315.

(96). — Livro de Alda, pg. 138.

detém seu próprio chafurdamento na ignomínia, pois dela não pode sair mais. Essa dicotomia psicológica dá origem a tipos que são mais vítimas que culpados dos erros cometidos pela sociedade, e leva a nota crítica mais longe, a ponto de evidenciar a intenção oculta antes: o verdadeiro culpado é o tipo de organização social em que a predominância de desigualdades de toda ordem cria injustiças sociais maiores. Assim, por exemplo, a fidalguia, classe submetida a escalpelo nesse e noutros romances, é retratada como a culpada de Securas e Albaninhos, e de Aldas e Mários. O inocente, no caso o homem da classe que compõe a camada limítrofe entre a burguesia e a plebe, é que acaba vítima desse desequilíbrio. Começando de cima para baixo, podia-se equacionar o problema da seguinte forma: o fidalgo, civil ou clerical, porquanto, desse ângulo, o clero constitui, ao ver do romancista, uma forma de fidalguia religiosa, — cria tipos como Alda para compensar seus impulsos, e, por sua vez, todo o mal nascido dessa espécie de escravidão e servidão social, é descarregado em criaturas de nível médio de vida, Mários e Securas. A aristocracia permanece intocável, porque tudo é clandestino, inclusive o mal mediato, causado a outros seres através de tipos como Alda.

Na essência, pois, há forte libelo contra a fidalguia nesse martirólogo de Mário e Securas e, ao mesmo tempo, profunda simpatia pelo escorraçado da sociedade, o “humilhado e ofendido”, produto do erro e da vergonha, mas sobretudo fruto de uma organização social falsa em sua raiz, como então se entendia. Essa simpatia pelos humildes e desgraçados erige definitivamente como motivo de arte o grotesco e o disforme.

Mais ainda: pela análise do patológico individual das camadas mais humildes, se realiza o intuito de Abel Botelho, qual seja o de estudar espécimes patológicos caracterizados pelo desvio de uma das três faculdades apontadas. O patológico individual, por sua vez, conduz à visão do conjunto social, enfermo de graves males e tragado por negra crise de valores.

Assim, com o pano de fundo representado por marginais e degenerados, fica completo o quadro pintado em “Patologia Social”, fechando o ciclo de análise que parte da fidalguia e a ela volta depois de focar as camadas inferiores da sociedade. Completada a volta, o intuito crítico está satisfeito, ao mesmo tempo que se criam novidades no campo da ficção portuguesa.

CONCLUSÕES

Partindo de plano pré-estabelecido, Abel Botelho procurou escrever uma obra cíclica, em cinco volumes, em que se estudam casos individuais de desvio do “pensamento”, da “ação” e do “sentimento”, pois julgava que o equilíbrio dessas três faculdades caracterizava o homem de “tipo fisiológico. banal, sem interesse para o (*seu*) ponto de vista”. Realizou, assim, a “Patologia Social”.

Para evidenciar as três modalidades de taras psicopatológicas, Abel Botelho escolheu personagens-tipos. Dessa forma, a homossexualidade é representada pelo Barão de Lavos; a prostituta é Alda, de *O Livro de Alda*; a histérica é D. Isabel, de *Fatal Dilema*; o político ambicioso, com mania de grandeza, é Próspero Fortuna; o degenerado superior, de exacerbada vida mental, é Mateus, de *Amanhã*.

Esses protagonistas, por sua vez, são índices de decomposição do organismo social em que vivem. De onde, a “Patologia Social”, além do estudo de individualidades muito típicas, pela tara que carregam, tara essa alheia ao controle social, — é, igualmente, a análise de algumas das principais camadas componentes da sociedade portuguesa dos fins do século XIX. Assim: para as debilidades de toda ordem que destroem a vida matrimonial (em especial os distúrbios da homossexualidade e da histeria) dedica *O Barão de Lavos e Fatal Dilema*; examina o meretrício lisboeta em *O Livro de Alda*; as lutas do operariado contra as oligarquias são analisadas em *Amanhã*; a decomposição moral da classe dirigente e da vida política está estudada em *Próspero Fortuna*.

Várias classes sociais do tempo, ao menos as mais representativas, eram julgadas em deliquescência. Essa deliquescência, por sua vez, é indício de males gerais, de que padece a Nação. Por outras palavras, toda a sociedade, formada do agrupamento dessas várias classes sociais, está em franco processo de decomposição. Portugal, ao ver de Abel Botelho, está doente, inficcionado. A Nação está mergulhada em profunda crise.

Por isso, o diagnóstico dos “focos de infecção” orienta a “Patologia Social”, dirigida no sentido de ser o retrato tão fiel quanto possível da crise por que passou Portugal depois dos anos de 1890. De fato, escrevendo sua obra no lapso de vinte anos, de 1891 a 1910, Abel Botelho presenciou as comoções gerais do tempo e tentou fixá-las na obra cíclica, que acaba por ser flagrante e negro retrato dessa crise em que estava mergulhado Portugal, crise acima de tudo moral. E é justamente à análise da crise que se atira Abel Botelho ao longo

dos cinco romances, porquanto era a falta de valores éticos a causa do desfibramento geral.

A análise não ultrapassa o campo do diagnóstico, isto é, o romancista não arrisca pôr em relêvo qualquer solução para a crise. Verifica, tão-sòmente, que o reencontro da África, como celeiro de forças espirituais e econômicas, era considerado então uma das vias de regeneração. A par disso, depreende-se que Abel Botelho parece acreditar numa possível solução que partiria do centro da Metrópole, pela ação consciente dos que não se corromperam e pela destruição das chagas sociais.

Não obstante prêsa, pelo método e por alguns fatos mais importantes, a certas circunstâncias históricas e literárias ultrapasadas, a “Patologia Social” resiste à análise como documento altamente vivo de sua época, o que quer dizer: testemunho valiosíssimo de um espírito autônomo, autêntico, a tentar ver claro um “momento” de crise dos mais decisivos na história do povo português.

Por documento de superior flagrância, na fixação dos fatos, e pelas qualidades literárias entrevistas, a “Patologia Social” merece cabida na pauta do interêsse crítico, e permite acreditar que Abel Botelho não merece o esquecimento em que jaz até hoje.

BIBLIOGRAFIA

- BASTOS, Teixeira — *A CRISE — Estudo sôbre a situação política, financeira, econômica e moral da nação portuguesa nas suas relações com a crise geral contemporânea*, Pôrto, Chardron, 1894.
- BASTOS, Teixeira — *O SUICÍDIO SOM O PONTO DE VISTA SOCIAL E MORAL*, in: "Revista de Estudos Livres", 2.^o vol., Lisboa, 1884-1885.
- BEUCHAT, Charles P. — *HISTOIRE DU NATURALISME FRANÇAIS*, 2 vols., Paris, Edition Corrêa, 1949.
- BOTELHO, Abel — *AMANHÃ*, 3a. ed., Pôrto, Chardron, 1924.
- BOTELHO, Abel — *AMOR CRIOULO*, 3a. ed., Pôrto, Chardron, 1927.
- BOTELHO, Abel — *O BARÃO DE LAVOS*, 6a. ed., Pôrto, Lello e Irmãos, 1945.
- BOTELHO, Abel — *FATAL DILEMA*, 3a. ed., Pôrto, Lello e Irmãos, 1926.
- BOTELHO, Abel — *OS LÁZAROS*, 2a. ed., Pôrto, Chardron, 1919.
- BOTELHO, Abel, *O LIVRO DE ALDA*, 4a. ed., Pôrto, Chardron, 1927.
- BOTELHO, Abel — *MULHERES DA BEIRA*, 2a. ed., Pôrto, Lello e Irmãos, Coleção Lusitana, s. d.
- BOTELHO, Abel — *PRÓSPERO FORTUNA*, 3a. ed., Pôrto, Chadron, 1925.
- BOTELHO, Abel — *SEM REMÉDIO...*, 2a. ed., Pôrto, Chardron, 1924.
- BRAGA, Marques — *ENSAIO SÔBRE A PSICOLOGIA DO POVO PORTUGUÊS*, Sep. de "O Instituto", Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.
- BRAGA, Teófilo — *AS MODERNAS IDÉIAS NA LITERATURA PORTUGUÊSA*, 2 vols., Pôrto, 1892.
- CARLOS, Alberto — *A ESCOLA REALISTA E O MORAL — OPÚSCULO OFERECIDO ÀS MÃES*, Lisboa, Matos Moreira e Cia., 1880.
- CARREIRO, José Bruno — *ANTERO DE QUENTAL — SUBSÍDIOS PARA A SUA BIOGRAFIA*, 2 vols., Lisboa, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1948.
- CARVALHO, Francisco Augusto de — *ALGUMAS HORAS NA MINHA LIVRARIA*, Coimbra, Imprensa Acadêmica, 1910.
- COGNY, Pierre — *LE NATURALISME*, Col. "Que Sais-je?", P. U. F., Paris, 1953.
- CORDEIRO, J. A. Silva — *A CRISE EM SEUS ASPECTOS MORAIS — Introdução a uma biblioteca de psicologia individual e coletiva*, Coimbra, F. França Amado, Ed., 1896.
- COSTA, Afonso — *A IGREJA E A QUESTÃO SOCIAL — Análise crítica da Encíclica Pontifícia "De Conditione Opificum", de 15 de maio de 1891*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1895.

- DÁMASO, Reis — *“COMÉDIA BURGUESA*, 3.^o vol. — *O Salúcio Nogueira* — Estudo de Política Contemporânea, por Teixeira de Queirós”, in *“Revista de Estudos Livres”*, 1.^o vol., Lisboa, 1883-1884.
- DUMESNIL, René — *LE RÉALISME ET LE NATURALISME*, Paris, del Duca de Gigord, 1955.
- ESTEVES, Silva — *MISSÕES E MISSIONÁRIOS — As ordens religiosas e o problema colonial*, Pôrto, Antônio Dourado, Ed., 1896.
- FIGUEIREDO, Fidelino de — *A CRÍTICA LITERÁRIA COMO CIÊNCIA*, 3a. ed., Lisboa, Clássica, 1920.
- FIGUEIREDO, Fidelino de — *ANTERO*, São Paulo, Rev. do Arquivo Municipal, 1942.
- FIGUEIREDO, Fidelino de — *ESTUDOS DE LITERATURA*, 4 séries, Lisboa, Portugalia, 1924.
- FONSECA, José Tomás da — *O SOCIALISMO E ANTERO DE QUENTAL*, Lisboa, Clássica, Ed., 1942.
- FRANÇA, Bento da — *“A POLÍTICA, A SOCIEDADE E A FAMÍLIA — DESREGRAMENTOS NA FAMÍLIA”*, in: *“O Repórter”*, 29-7-1891 — 10-12-1892.
- GOMES, Perillo — *O SOCIALISMO*, Lisboa, Ed. Império, 1939.
- GONÇALVES, Luís — *A EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO OPERÁRIO EM PORTUGAL*, Lisboa, Adolfo de Mendonça e Cia., 1905.
- HISTÓRIA DE PORTUGAL* (Ed. Monumental), dir. de Damião Peres, 8 vols., Barcelos, Portucalense, 1928-1935.
- JUNQUEIRO, Guerra — *HORAS DE LUTA*, Pôrto, Lello e Irmão, s. d.
- LIMA, Alceu Amoroso — *INTRODUÇÃO À ECONOMIA MODERNA*, 2a. ed. Rio de Janeiro, Liv. Agir, 1956.
- LIMA, S. de Magalhães — *O SOCIALISMO NA EUROPA*, Lisboa, Cia. Nacional Ed., 1892.
- LIMA, Campos — *“O MOVIMENTO OPERÁRIO EM PORTUGAL”*, in: *“O Instituto”*, vol. 53, 1906.
- LOPES, Óscar — *OLIVEIRA MARTINS E AS CONTRADIÇÕES DA GERAÇÃO DE 70*, Pôrto, Biblioteca Fenianos, 1946.
- MARTINO, Pierre — *LE NATURALISME FRANÇAIS*, 4a. ed., Paris, Col. Armand Colin, 1945.
- MARTINS, F. A. de Oliveira — *O SOCIALISMO NA MONARQUIA — OLIVEIRA MARTINS E O “VIDA NOVA”*, Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1944.
- MARTINS, Oliveira — *PORTUGAL E O SOCIALISMO*, 2a. ed., Lisboa, Guimarães e Cia., 1953.

- MARTINS, Oliveira — *TEORIA DO SOCIALISMO*, Lisboa, Guimarães e Cia., 1952.
- MONTALVOR, Luís de — *HISTÓRIA DO MOVIMENTO REPUBLICANO EM PORTUGAL*, Lisboa, 2 vols., Ática, 1930.
- MOURA, Carneiro de — *A MULHER E A CIVILIZAÇÃO*, Lisboa, Companhia Nacional Ed., 1900.
- MOURA, Carneiro de — *A POLÍTICA PORTUGUÊSA*, Lisboa, Manuel Gomes Ed., 1898.
- NORDAU, Max — *DÉGÉNÉRESCENCE*, tr. fr., 2 vols., Paris, Felix Alcan, 1894.
- OLIVEIRA, Lopes de — *HISTÓRIA DA REPÚBLICA PORTUGUÊSA (A Propaganda na República Constitucional)*, Lisboa, Ed. Inquérito, s. d.
- PIMPÃO, Álvaro Julio da Costa — *ALGUMAS NOTAS SOBRE A ESTÉTICA DE JOÃO PENHA*, in: "Biblos", Coimbra, vol. XV, 1939.
- PINTO, Júlio Lourenço — *ESTÉTICA NATURALISTA — ESTUDOS CRÍTICOS*, Pôrto, 1885.
- PINTO, Silva — *DO REALISMO NA ARTE — ESTUDOS CRÍTICOS*, 3a. ed., Pôrto, Tip. de A. J. da Silva Teixeira, 1881.
- PINTO, Silva — *REALISMOS*, Pôrto, Tip. de A. J. da Silva Teixeira, 1880.
- QUEIRÓS, Eça de — *CONTOS*, Liv. Lello e Irmãos, Pôrto, 1946.
- QUEIRÓS, Eça de — *CORRESPONDÊNCIA*, 4a. ed., Pôrto, Liv. Lello e Irmãos, 1945.
- QUEIRÓS, Eça de — *NOTAS CONTEMPORÂNEAS*, Pôrto, Liv. Lello e Irmãos, 1944.
- REPÓRTER (O)* — Jornal, Lisboa, 1887-1899.
- RIBEIRO, Álvaro — *OS POSITIVISTAS*, Lisboa, Francisco Franco, 1951.
- SALGADO (Jr.), Antônio — *HISTÓRIA DAS CONFERÊNCIAS DO CASSINO LISBONENSE*, Lisboa, Cooperativa Militar, 1930.
- SAMPAIO (BRUNO), José de Pereira — *A GERAÇÃO NOVA (Ensaio Críticos)* — *Os Novelistas*, Pôrto, Magalhães e Muniz, 1886.
- SAMPAIO (BRUNO), José de Pereira — *OS MODERNOS PUBLISCISTAS PORTUGUÊSES*, Pôrto, Chardron, 1906.
- SARAIVA, Antônio José — *AS IDÉIAS DE EÇA DE QUEIRÓS*, Lisboa, Centro Bibliográfico, 1946.
- SERRÃO, Joel — Sobre o romance de Júlio Lourenço Pinto e Abel Botelho, in: "Cultura e Arte", supl. de "O Comércio do Pôrto", 10-4-1956.

SILVA, M. J. da — *PEQUENO MANUAL DO POVO*, — no qual se trata de pôr a idéia geral do socialismo ao alcance de todos — Livro dedicado às associações operárias e socialistas de Portugal, Pôrto, Tip. Industrial, 1896.

VAN TIEGHEM, Philippe — *PÉTITE HISTOIRE DES GRANDES DOCTRINES LITTÉRAIRES EN FRANCE*, P. U. F., Paris, 1950.

ZOLA, Émile — *THÉRESE RAQUIN*, Paris, Fasquelle, “Col. Pourpre”, 1954.

ZOLA, Émile — *LE ROMAN EXPÉRIMENTALE*, 4a. ed., Paris, Charpentier, 1880.

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	11
A “Patologia Social”	19
1. A Patologia “Social”: intenção e extensão	21
2. A Crise Moral da Família	25
3. A Crise Moral na Vida Política	33
4. A Crise Social	47
5. Marginais e Degenerados	65
Conclusões	73
Bibliografia	77
Sumário	84

